



Organizações & Sociedade

ISSN: 1413-585X

revistaoes@ufba.br

Universidade Federal da Bahia
Brasil

Gomes de Pinho, José Antonio
FUTEBOL, NAÇÃO E O HOMEM BRASILEIRO: O "COMPLEXO DE VIRA-LATAS" DE NELSON
RODRIGUES

Organizações & Sociedade, vol. 16, núm. 48, enero-marzo, 2009, pp. 141-167

Universidade Federal da Bahia
Salvador, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400638310008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FUTEBOL, NAÇÃO E O HOMEM BRASILEIRO: O “COMPLEXO DE VIRA-LATAS” DE NELSON RODRIGUES

José Antonio Gomes de Pinho*

Este artigo é dedicado ao jogador Índio, autor de um dos dois gols dos jogos das eliminatórias de 1958, que levou o Brasil à Copa da Suécia, e que nunca é lembrado em qualquer homenagem aos vitoriosos daquela campanha!

RESUMO

Este artigo objetiva discutir a contribuição que Nelson Rodrigues, normalmente mais conhecido como teatrólogo, deu à compreensão do futebol brasileiro e do papel que este desempenhava na sociedade brasileira. Suas crônicas futebolísticas constituíam-se em uma forma de ver o jogador brasileiro e, por extensão, o homem brasileiro e a própria nação. Localizamos o estatuto teórico que Rodrigues abraça, ainda que certamente não de forma consciente, no Romantismo, o que demandou uma breve incursão por essa corrente e seu desdobramento no Brasil. Antes de recorrer à obra rodriguiana, o artigo voltou-se para mostrar a importância do futebol no contexto brasileiro, desde o começo do século XX. A contribuição mais decisiva de Rodrigues constitui-se no chamado “Complexo de Vira-Latas” que se tornou célebre. Estabelecemos um diálogo entre o autor e a corrente teórica do Romantismo, mas, também, incorporamos outros elementos do mundo hobbesiano, caros à linha de pensamento do autor. Por fim, fizemos, ainda que brevemente, um cotejo de suas idéias com as de Roberto DaMatta, um rodriguiano, mas que chama a atenção para pontos que negam o Romantismo, ainda que não totalmente.


PALAVRAS-CHAVE: Romantismo. Futebol. Sociedade Brasileira

ABSTRACT

This article aims to discuss the outstanding contribution given by Nelson Rodrigues, usually known as theater writer, to understanding the Brazilian football and the role it plays in Brazilian society. His football chronicles turned into a particular way of seeing the Brazilian football player and, as consequence, the Brazilian man and the Nation itself. Rodrigues has been seen as belonging to the Romantic theoretical field which lead us to analyzing the main aspects of this current as well as the form it assumed in Brazil. Before starting using Rodrigues chronicles, this article shows the importance of football in the Brazilian context, since the beginning of the 20th century. The key Rodrigues contribution has been the so-called Vira-Latas Complex, a complex of inferiority felt by Brazilians, in the football scene as well as in the national life as a whole. Along the text a link between the author and Romanticism was developed, including, as well, hobbesian elements which belong to Rodrigues' hard thought. In the end, the article introduces, although in a short way, some ideas of Roberto DaMatta, a contemporary author also focusing in football, who shares some Rodrigues' ideas, but provokes a rupture with Romanticism, searching for a more structural approach to understand football and Brazilian society and nation.

KEY-WORDS: Romantic. Literature. Football. Brazilian Society

* Prof. da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - EAUFBA

 Brasil tem sido considerado o país do futebol. Nesse sentido, é interessante reter a percepção do jornalista Mino Carta, estrangeiro (italiano) que veio ainda menino para o Brasil e que cobriu a Copa de 50 ainda adolescente. A derrota naquele momento levou-o a entender o que significa torcer no Brasil e a considerar tal manifestação como “uma coisa única”. Reconhece que, em outros países, o futebol é “importantíssimo”, mas quando se trata do Brasil “torcer é um estado de espírito muito típico e muito característico do brasileiro: é a eterna crença no milagre, a crença no transcendente – uma espécie de fé levada às últimas conseqüências” (MORAES NETO, 2000: 31). Essa afirmação ganha maior densidade quando se leva em conta a origem de Mino Carta, italiana, latina, portanto, não um anglo-saxão, considerado frio, que se chocaria com o comportamento do brasileiro em relação ao futebol.

Originário da Inglaterra, o futebol penetrou a sociedade brasileira de maneira intensa já a partir do começo do século XX. Recorrendo-se a Lima Barreto, o escritor, ao falar do Rio de Janeiro, em 1922, expõe que a cidade não é “o paraíso do jogo do bicho, a retorta monstruosa da politicagem, a terra dos despautérios municipais e de poetas”, mas sim, “um imenso campo de futebol”. Chama a atenção, o escritor, para o fato de que todos jogam o tal esporte bretão (como era chamado à época), “não há rico nem pobre, nem velho nem novo, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos a um clube destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés” (BARRETO, 2008: 483). Identifica, assim, que “toda a nossa população anda apaixonada pela euritmia dos pontapés” (Idem: 484)).

Interessante notar a situação em São Paulo à mesma época (1931), nas palavras (com a ortografia da época) de um importante jornalista de São Paulo, ao falar sobre a situação em 1931. “Em São Paulo, joga-se o velho esporte bretão sem descanso: começa a temporada em primeiro de janeiro e acaba a 31 de dezembro”, não sendo respeitadas nem as férias. Àquela época, segundo o jornalista, acabara de se inventar o “‘soccer’ nocturno para que os jogadores e os afeiçãoados deste esporte não fiquem longe dos gramados, no espaço que medeia entre um domingo e outro”. Ressalta que a palavra descansar é desconhecida, pois os clubes além dos jogos oficiais promovem “festivais”, jogos amistosos. “Os jogadores quando não defendem seus grêmios aderem às caravanas “fila bóia”, e mettem-se pelo interior a dentro”. Assim, São Paulo, como certamente outras cidades, respirava futebol. Mazzoni (1931) mostra que, insaciáveis, os jogadores voltam a defender o time do bairro onde começaram “então garotos travessos, para desespero da mamã e papá” (Idem). O quadro indica que a adesão ao futebol ocorre desde a tenra infância, enquanto “[o] público está sempre (...) disposto a abarrotar um campo onde se fira uma pugna que ponha frente a frente dois quadros seus favoritos (...)” (MAZZONI, 1931: 71).

O autor é conclusivo: “Metade de São Paulo se interessa pelo futebol. (...) Os paulistas, que nesta grande Chicago do Sul têm o seu tempo e energias absorvidos pelo trabalho, só encontram no futebol as horas de recreação de que têm necessidade. São Paulo sem futebol seria um inferno (...). Por isso, joga-se todo o anno” (MAZZONI, 1931: 71). Por conta do forte calor do verão, sugere o jornalista que se jogue dez meses por ano, mas ao mesmo tempo se questiona se será possível passar dois meses sem ter futebol. Essas reflexões mostram como o futebol era importante e cativante para a população. Na mesma linha, Gilberto Freyre defendia que o futebol no Brasil se desenvolvia não igual aos outros esportes, mas como uma “verdadeira instituição brasileira”. A copa de 38 teria sido um divisor de águas ao fazer “sentir o futebol e o Brasil, pela primeira vez, como se feitos um para o outro” (FREYRE, 2003 *apud* WISNIK, 2006: 228).

Com a importância incontestável e crescente que o futebol assume na sociedade brasileira, este pode ser utilizado como metáfora para explicar a sociedade

de uma maneira mais ampla e para caracterizar o espírito de um povo ou de uma nação. O objetivo deste artigo revela-se em entender o papel que o futebol desempenha na sociedade brasileira e como reforça seus traços fundamentais. Quanto à interpretação do papel do futebol na sociedade brasileira, um autor seminal é Nelson Rodrigues (NR), de quem recolheremos o alimento para a construção deste artigo. Ainda que sua obra não tenha o rigor da investigação e da proposição científicas necessárias ao meio acadêmico, torna-se um autor digno de análise e referência pelas contribuições relevantes e sistemáticas sobre o futebol brasileiro, articulando-as a uma visão política e crítica, ainda que de forma implícita. Vamos nos basear em crônicas publicadas pelas coletâneas organizadas por Ruy Castro, também biógrafo do escritor. Por razões de espaço, vamos cobrir apenas até a Copa de 1966, tendo a oportunidade de apreender a visão do autor sobre a tragédia de 1950, as copas anteriores, a derrota de 1954 e as duas grandes conquistas de 1958/1962, bem como a derrota de 1966, formando, assim, um rico e diferenciado mosaico. Iremos seguir, em geral, a sequência cronológica de publicação.

Vestiários (Bastidores) da Nação e do Futebol

A cobertura temporal deste artigo inicia-se com a década de 30, quando se realiza o primeiro campeonato mundial; período em que o Brasil experimenta um processo de modernização, no qual sai de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, industrial e urbana. Esse processo todo se derrama tanto sobre os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, como também sobre o futebol. Vale a pena trazer alguns elementos seminais do passado para entender a trajetória política do país.

Apesar da Independência de 1822, acabou prevalecendo "a continuidade colonial, o escravismo, o absolutismo", enfim, "o lusitanismo" (IANNI, 1994: 14); e, "ao fim do século XIX, o Brasil ainda parecia viver no fim do século XVIII" (Idem: 19). A instauração da República também não avança muito, mas de qualquer forma processa-se uma "singular revolução pelo alto" (Idem: 23), alterando vagarosamente a composição da sociedade. Porém, os "setores populares, as reivindicações de trabalhadores da cidade e do campo, as demandas de negros, mulatos, índios e caboclos não encontravam lugar nas esferas de poder" (idem). O ano de 1922 é "uma data simbólica", em que "o Brasil começa a ingressar no século XX" (Idem: 24), ou seja, esse século parece ter começado para o Brasil naquele ano.

De uma maneira bem sintética, até porque são elementos demasiado conhecidos, podemos dizer que a explosiva década de 1920, a partir de 1922, com vários movimentos (Tenentismo, criação do PCB, Semana de Arte Moderna, Revolução de 1924, Coluna Prestes), expressava um processo de modernização da sociedade brasileira catapultado pela industrialização com base em São Paulo, surgindo, assim, novas classes e novos interesses. Esse processo culmina com a Revolução de 30, que, com suas contradições, leva um novo arranjo de forças ao poder do Estado, ainda que com um equilíbrio instável, e que acaba assumindo um caráter autoritário com o golpe de 1937, em que se instala o Estado Novo. Ainda que pela via autoritária, as condições da modernização se afirmam nesse período, chegando aos anos 50, já na retomada da democracia, quando o país sofre novo impulso com o governo de Juscelino Kubitschek. Mesmo que a industrialização e a modernização, em geral, tenham se tornado dominantes, ainda que longe de plenos, esse processo todo foi muito tenso, disputado e contraditório, expressando o confronto entre uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna, emergente e afluente, em busca da construção de uma ordem mais racional.

Com a interrupção da trajetória democrática em 1964, implanta-se, pelos militares, o que tem sido chamado de "modernização conservadora", expressando bem a ambigüidade que marca a formação social brasileira (PINHO, 2001). Esse fluxo modernizante, com suas ambigüidades, quer seja dentro do regime democrático, quer do autoritário, também se alastrou pelo futebol. Este, de acordo com

o seu próprio processo, entranha, também, na trajetória de modernização do país; o que será examinado a seguir.

Pintaremos, aqui, um quadro bem sintético do futebol no Brasil, com ênfase para o período pós-1930, quando começam as copas mundiais. O futebol no Brasil padecia de problemas estruturais que não eram propriedade exclusiva sua, mas estavam presentes na sociedade como um todo. Originalmente, o futebol havia nascido como um esporte de elite, mas rapidamente se disseminou pelas camadas mais populares. Seu exercício, como profissão, contudo, esbarrava no acesso aos clubes que, nas primeiras décadas do século XX, vetavam, em geral, a presença de jogadores negros. Um fator que concorria para a desorganização do futebol brasileiro encontrava-se na profunda rivalidade e conflito entre os interesses dos dirigentes cariocas e paulistas.

Comentando a Copa de 30, o já citado Thomaz Mazzoni (1931), jornalista paulista, não esconde seus argumentos (mantendo novamente a ortografia da época). “Infelizmente, e com grande magua de todos os esportistas do Brasil, a velha rivalidade entre cariocas e paulistas - rivalidade alimentada pela entidade máxima do país, culpada de todas as infelicidades do futebol brasileiro - o verdadeiro quadro de nossa terra não compareceu à importante competição mundial, pois assim o quis a C.B.D”. O autor se refere à exclusão dos jogadores paulistas naquele certame, visto como “fructo de capricho, precipitação e incompetência” dos dirigentes. o que, em sua visão, explicava “o doloroso fracasso” (MAZZONI, 1931: 6). Se tal rivalidade já era antiga no começo da década de 30, esta deve ter se estabelecido bem ao início da prática do futebol no país e, na verdade, pode ser vista como expressão de uma rivalidade mais sistêmica, em que o futebol seria apenas a ponta mais visível do *iceberg*: uma rivalidade entre uma potência emergente e moderna (São Paulo), em busca de espaço político, frente à capital federal que representava uma sociedade tradicional. Vai além o autor ao fazer uma prescrição: “Para o futuro, os homens que dirigirem os destinos do esporte brasileiro devem deixar de lado caprichos pessoais, interesses regionalistas, bairrismos, si quiserem ver tremular, victorioso, lá fora o pavilhão auri-verde” (Idem: 11).

O pesquisador Túlio Velho Barreto examina as razões para o Brasil não ter vencido nenhuma Copa até 1958: “o profissionalismo só se estabeleceu no país, pelo menos do ponto de vista legal, a partir de 1933. E mesmo assim não era prática generalizada, pois o debate sobre o tema ainda provocava enorme polêmica entre os clubes e os estados”. A esta juntam-se as já mencionadas “disputas políticas, econômicas e também esportivas” entre São Paulo e o Rio, quando os jogadores paulistas ficaram fora das primeiras copas. Isto já não aconteceu em 1938, quando os melhores jogadores foram convocados, independente de regionalismos e da raça, tendo os dirigentes superado “um recorrente preconceito”. A respeito do preconceito racial, Barreto adiciona um artigo escrito por Gilberto Freyre, no Diário de Pernambuco, intitulado “Football mulato”, durante a Copa de 1938 na França, em que destaca: “o sucesso então alcançado pela seleção brasileira (...) teria sido resultado da coragem de termos enviado à França uma seleção multirracial formada pelos melhores jogadores do país”, quando “imperava, até então, uma recomendação ou determinação para que se evitasse incluir negros nas representações esportivas brasileiras” (BARRETO, 2008).

A Copa de 1950 era a primeira a ser disputada após um longo intervalo, devido à 2.ª Guerra Mundial, e justamente no Brasil. O desempenho animador na copa anterior (1938) criava um ânimo positivo para a nova copa. Ainda que já se tivesse tido algum planejamento e tivessem sido superados, em parte, os problemas de rivalidade entre cariocas e paulistas, com a convocação de uma seleção mais ecumênica, os deslumbrantes resultados alcançados nos primeiros jogos levaram para a final do campeonato um clima de “já ganhou” que acabou resultando na derrota frente ao Uruguai em pleno Maracanã. Na preparação para a copa seguinte (1954, na Suíça), no jogo das eliminatórias Brasil 1 x Paraguai 0, ocorreu o terceiro recorde de público do Maracanã com 174.599 torcedores (SANT’ANNA, 2004) Tal fato nos leva a acreditar que a população em geral continuava confiante

na seleção mesmo após a tragédia de 50; o que corrobora com o quadro acima exposto a respeito da importância do futebol para o brasileiro, como expressão de fé e crença (ainda que a pesquisa tenha contemplado apenas a população carioca). Uma pesquisa do Ibope, em junho de 1954 mostrava que 64% acreditavam na conquista, 20% não acreditavam e 16% não opinaram .

Com efeito, homens e mulheres, de todas as categorias sociais, instruídos ou sem instrução nenhuma, afirmam em sua imensa maioria (...) que o Brasil será o campeão de 1954. (...) Não há, praticamente, nesse caso, vozes discordantes. Todos acreditam cegamente em que traremos a copa Jules Rimet da Suíça, custe o que custar (SUGIMOTO, 2003).

Construindo um Referencial Teórico "Redondo" para o Tema

Antes de mais nada, vale assinalar que a moldura teórica a ser construída será bastante enxuta, econômica, visando dar mais espaço ao rico e pouco conhecido material empírico trazido por NR. Sendo o autor a referência e foco principal deste artigo, vamos procurar enquadrar sua obra teoricamente. Facina (2004) situa NR como um romântico e, assim sendo, vamos buscar a compreensão do romantismo do ponto de vista teórico, recolhendo os elementos essenciais à compreensão do fenômeno.

Um ponto de partida fundamental reside em entender que o romantismo não é um movimento político; não adquiriu tal *status*. São identificadas como influências as obras de Shakespeare, bem como certos escritos de Rousseau. Valoriza o romantismo, "o elementar, o primitivo, a força incontrolada" e possui uma "profunda veneração pela beleza grega". Baseia-se em uma "atitude polêmica em face do racionalismo que, com suas convenções e leis, pôs ordem nos fenômenos do mundo" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1131). Entre outras, tem as seguintes inspirações: "o espírito do povo ou o caráter nacional; o íntimo de uma personalidade, coletiva e individual, capaz de estimular ainda aventuras de ação e sentimento". Este conjunto de idéias, no entanto, não resultou em nenhum "partido romântico"; ao contrário, o romantismo surge como uma das "expressões periódicas do irracional contra a razão", possui um "caráter não político ou, ao máximo, meta-político" (idem). O romantismo comporta visões diferenciadas e conflitantes; valoriza "os elementos individualístico-demoníacos, imoralistas e estetizantes" (Idem: 1132).

Ademais, frequentemente, tem sido o romantismo associado à direita política, mas, vale lembrar que "os fascismos europeus, em sua propaganda, evocaram antes o "clássico" dos grandes impérios (...) do que a pitoresca e vital desordem da vida pré-absolutista". Por outro lado, movimentos muito mais recentes, como o maio de 1968, na França, um movimento de esquerda, também teve inspiração romântica (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1132). Tentando uma definição, pode-se dizer que "[o]s românticos não aceitam a distinção, elaborada no período do absolutismo, mas em seguida retomada pelo liberalismo, entre público e privado". Mais ainda, "[u]m contexto social, onde o indivíduo se sinta satisfeito, exige um vínculo de amor que é, ao mesmo tempo, sentimento de dependência" (Idem).

Ao tomarmos como exemplo o romantismo em alguns países da Europa, a começar pela Alemanha, verifica-se que ali ocorreu uma simpatia pela Revolução Francesa; mas, como as condições objetivas na Alemanha estavam distantes daquela, dá-se uma orientação mais no sentido de "uma regeneração moral e cultural do que diretamente política", objetivando uma "renovação do gênero humano" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1133). Mediante a desilusão com a Revolução Francesa, defende-se um estado "em que a 'massa' fosse animada pelo "princípio vital", isto é, pelo monarca", enquanto outros clamam por um Estado baseado no "modelo medieval germânico, onde a autoridade do poder temporal

era limitada e guiada por uma autoridade espiritual, a da Igreja". O romantismo acusa o individualismo burguês pelas "guerras e [d]as revoluções que abalaram o mundo". À medida que suas expectativas não são atendidas, voltam-se os românticos para um "tom cada vez mais apocalíptico e da condenação inapelável do presente" (Idem: 1134).

Com relação à França, "a revolução e o império tinham fortalecido enormemente aquele Estado centralizador e burocrático que era, para os românticos, a imagem do mal da época moderna" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1135). Partindo do princípio de que "cada governo é sempre tendencialmente despótico", pregam "uma organização do povo, culminante numa confederação de comunas". Colocavam-se, os românticos franceses, contra o capitalismo, "contra a burguesia moderna da indústria e das finanças", adotando o "culto do "povo". Cultivavam-se, também, os heróis de "povos que a civilização ainda não nivelara", pois só estes "pareciam capazes de paixões e de atos heróicos". Assim, o instinto do povo pode lhe "assegurar uma imensa vantagem para agir e o induz a aceitar sem dificuldades as desigualdades funcionais, colocadas pela própria natureza, e não opressivas, se transfiguradas pelo amor e pelo serviço - a família e o exército, por exemplo" (Idem: 1136).

Na Itália, os pontos hegemônicos do pensamento romântico se expressam por uma "desconfiança (...) em relação à 'política'", posicionando-se contra o Estado, mas, também, identificando no povo dificuldades em ser o "sujeito da história" por conta das carências na educação. Nesse cenário, o romantismo italiano localiza no amor "a premissa básica de um novo vínculo entre os homens" dado o "fracasso prático" do liberalismo, bem como do socialismo, ambos condenados (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1137).

Ao se examinar a situação na Rússia, no século XIX, o romantismo polemizava tanto à esquerda como à direita: era-se "contra os valores modernoburgueses" - admirava-se "o esplendor do passado" - e, por outro lado, considerava-se o sujeito principal da história, não o Estado, mas o "povo". Este não seria "belicoso, exceto quando teve que salvar sua identidade" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1137). As críticas eram implacáveis contra "as vulgaridades do mundo burguês, a "mentira" do parlamentarismo, a despersonalização induzida pela econômica capitalista", encontrando-se a redenção, conforme o ideário de Tolstoi e Dostoiévski, "nas almas simples, religiosas, na volta ao povo". Fechando o verbete, afirma-se que não existiu um movimento romântico, existiu, e em grande parte ainda existe, "uma democracia romântica, inspirada no povo, na solidariedade e na fraternidade, bem distinta da contratualista", bem como "um socialismo romântico, brotando do tronco da primeira e oposto ao economista e materialista; um nacionalismo romântico, distinto do de origem darwiniana" (Idem: 1138).

Em síntese, o romantismo trabalhou, explorou "as desilusões, intelectuais e sentimentais, da mentalidade pós-iluminista"; defendeu valores de sociedades mais antigas, decorrendo daí a prática de uma "tenaz hostilidade romântica contra o mundo sem Deus, contra quem vê e avalia a atividade somente em termos de produção e de resultados" (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1986: 1139). Pode-se observar que os enfoques são muito diferenciados a depender das condições existentes em cada país, não se configurando um único modelo. O romantismo surgiu "para recompor a vida nos moldes naturais, espontâneos, comunais, contra os vícios e a esterilidade do racionalismo ilustrado" (SANTOS, 2005), surgiu "para libertar o homem de todas as amarras da opressão, inclusive aquelas vindas do interior, da alma, do espírito, e não para endossá-las" (Idem).

Características do romantismo ainda podem ser vistas como centrais na mente moderna, "including interest in the psychological and the expressive, in the childlike, the revolutionary, the nihilistic, the PLEASURE PRINCIPLE" (BULLOCK & STAKKYBRASS, 1977: 548, grifo dos autores). No pensamento romântico, "the organic relation of man and nature, of the interior and the transcendent imagination, is proposed", mas pode levar a "hallucinatory or fantastic as a mode of perceptual redemption" (Idem: 549). Finalizando sobre o quadro originário do romantismo,

ainda é oportuno dizer que este punha em destaque o individualismo, "a imaginação, a livre expressão dos sentimentos; a comunhão com a natureza e a idéia do artista criador como gênio visionário"; o vocábulo "provém do romance medieval, forma literária marcada por idealizações fantasiosas". Um dos temas centrais era o "culto ao gênio criativo", cuja obra era "um ideal sublime que transcendia o mundo real". Ocupa lugar de destaque a natureza, "selvagem e virgem" que assume "a metáfora desse ideal" (ROHMANN, 2000: 352).

E no Brasil? Verificando-se variações apreciáveis entre os românticos das distintas situações examinadas, resultado dos diferenciados estágios de desenvolvimento que haviam atingido, o Brasil se colocava em uma situação mais particular pelo fato de ter sido colônia, marcado pela presença da escravidão até muito tardiamente, bem como pelo *status* de país subdesenvolvido à época que NR lavrava suas crônicas. Em outras palavras, é de se esperar que o romantismo assumia uma feição muito diferente e particular do que naqueles países mais centrais.

De qualquer forma, "é possível enxergar um núcleo unificador do romantismo brasileiro em torno da busca pela singularização – fortemente presente no romantismo alemão –, favorecida pelas características particulares do país". Entre outros podem ser apontados os seguintes fatores constitutivos do romantismo no Brasil, ainda no século XIX: "a natureza exuberante e exótica, o canto ao índio (...) a manutenção da unidade e do Império e a busca de uma historiografia nacional" (SANTOS, 2005).

Alguns problemas conceituais sérios marcaram o romantismo no Brasil como, o conceito de nação – também caro aos românticos –, e que só começaria a existir, no país depois da Independência. Por outro lado, não havia um passado distante ou próximo a glorificar, ou este não existia, não tinha nada de glorificante. Assim, o romantismo do século XIX volta-se para a natureza exuberante e para a glorificação ao índio, até porque, também, não pontificavam os heróis nacionais, por não existirem ou por não serem reconhecidos como tal. Quanto ao índio, também, já está em processo de dizimação, e o negro, maior parte da população do país, não pôde ser incluído devido à sua condição de escravo e base fundamental da acumulação. Isto posto, o conceito de nação fica bem prejudicado.

Assim, no século XX, uma vez encerrada a escravidão, no pensamento dos românticos, o objeto de realização passa a ser, de maneira mais genérica, o "povo", o elemento do povo, simples, ainda que a incorporação do homem negro, central no futebol, tivesse uma longa trajetória de luta pela frente, como veremos adiante. Acreditamos que NR se encaixa nesse figurino, ao identificar, de forma radical, como os verdadeiros heróis brasileiros os jogadores de futebol, os exímios jogadores, em particular, os vindos do "povo".

Ao longo do texto vamos associar esses elementos teóricos com os objetos empíricos produzidos por NR sobre a realidade brasileira, bem como incorporar outros elementos teóricos, também dentro da moldura do romantismo, e que podem auxiliar no enquadramento teórico específico do autor.

Trazendo Nelson Rodrigues para o Campo Teórico

Vamos nos valer, agora, da contribuição de Nelson Rodrigues (NR) como cronista esportivo no período sob análise. Alguns traços básicos da trajetória do autor ajudam a compor o entendimento de sua obra como o seu caráter enfático, dramático, trágico e passional, evidenciando "a construção de uma visão sobre a natureza humana que oscila entre um profundo pessimismo e a busca de possibilidades de redenção". A visão de NR comporta, num mesmo ser humano, duas metades representadas por "santos e canalhas" (FACINA, 2004: 15), sendo que, "no mundo contemporâneo, a maioria dos seres humanos tenderia mais para os canalhas do que para os santos" (Idem: 16).

NR tanto é visto, no que se refere à produção teatral, como um “gênio revolucionário”, um “autor maldito, o tarado que ameaçava as famílias brasileiras”, quanto “o reacionário” que combatia as esquerdas nas décadas de 1960/70 apoiando o movimento militar de 1964 (FACINA, 2004: 25). Assume, assim, uma posição de “antiintelectualismo”, combate “a cultura da esquerda” tida como uma “espécie de establishment” (Idem: 81). A obra de NR reascende todo o debate e conflito entre uma sociedade tradicional e uma sociedade moderna, expressos, no caso do Rio de Janeiro, entre as zonas Sul e Norte, e no plano nacional, entre São Paulo e Rio, onde este “seria uma espécie de subúrbio em comparação com a modernidade capitalista de São Paulo, vista como cidade do trabalho e de interações sociais frias, geradoras de um sentimento de solidão” (Idem: 25).

Facina (2004) coloca com muita propriedade que a obra rodriguiana está inserida em “uma matriz romântica que percebe o mundo moderno como um momento histórico em que algo se rompeu, que vê o conflito como expressão do ódio e não como fruto da desigualdade”. Localiza a presença de “uma nostalgia, ainda que desencantada, de uma época em que o senso de pertencimento e as relações sociais tradicionais ainda não eram ameaçadas pela fragmentação e pela alienação” (FACINA, 2004: 84). Se na sua obra teatral e nas suas posições políticas anti-esquerdas exala uma “crítica pessimista e desesperançada”, existe um contraponto em suas crônicas futebolísticas – agora nos aproximando do nosso objeto – ao ver “o escrete, a pátria em chuteiras” como

a única possibilidade de redenção dos brasileiros. (...) As suas crônicas esportivas têm um tom épico, em que os jogadores, pretos, mulatos e de origem humilde em sua maioria absoluta, são os heróis que redimem a nação e se auto-redimem das humilhações que pesam em suas histórias de vida (FACINA, 2004: 89).

Dessa forma, o futebol seria “a antítese das passeatas” e estas, as “realizações de grã-finos e de uma elite intelectualizada; assim, os jogos no Maracanã seriam as verdadeiras manifestações dos humilhados e ofendidos, daqueles negros, pobres e desdentados que não estavam nas ruas a protestar”. Pensava, assim, o autor, na “possibilidade de um grande conagração nacional através da catarse coletiva proporcionada pelo futebol” (FACINA, 2004: 90). Em síntese, na avaliação de Facina, alguns dos elementos centrais do pensamento rodriguiano seriam: uma “ótica hobbesiana sobre a natureza humana, uma representação do ser humano como irracional, um pessimismo radical aliado a um vislumbre de possibilidades de redenção do homem, realismo naturalista e romantismo conservador”, valores estes em “constante confronto” (Idem: 93).

Facina (2004) ainda destaca aproximações e distanciamentos da obra de NR com o importante autor da historiografia brasileira, Gilberto Freyre, a quem admirava. Segundo a autora, se para Freyre, o Brasil construiu “uma outra civilização” (“lusotropical”), a posição de NR é que “a civilização é fraca em face da natureza humana”, uma “superfície de aparente tranquilidade que esconde sentimentos e paixões conturbados e violentos” (FACINA, 2004:112). Aqui, NR introduz elementos hobbesianos nas relações humanas que não teriam sido domados por qualquer contrato e, assim, poderiam estar prontos a explodir.

Nesta síntese que estamos fazendo sobre NR, vale ainda considerar que o focalizado toma o Rio de Janeiro como seu objeto de interesse e criação, sendo esta, no entanto, uma cidade muito diferente daquela da sua infância, certamente idealizada, base do romantismo.. Assim, “a modernização devastou as relações sociais, os valores e a própria natureza da experiência urbana carioca”, cidade vista agora como “cenário do vício, da desintegração, do individualismo egoísta. Mas é, também, a cidade da sociabilidade, das conversas “jogadas fora” (FACINA, 2004: 154), em que a cidade do encontro se dá “especialmente no Maracanã”. Reconhece a autora, por outro lado, que “essa transformação do mundo tradicional para o mundo moderno não se completou no Rio de Janeiro”, não sendo capaz, o carioca, “de internalizar a disciplina do trabalho racionalizado e moderno”, o que poderia ser visto como um conflito interno entre os valores tradicionais e o imperativo de uma sociedade mais racional. Porém, não vê a questão da ociosidade como

"necessariamente negativa" (Idem:155), entendendo que o brasileiro (excetuando o paulista) tem alma de feriado.

Desse modo, a visão de NR sobre o brasileiro é muito baseada no carioca, "em que o ócio permitia um tipo de interação social criadora de um sentimento de pertencimento a um coletivo" (FACINA, 2004: 187). O Maracanã assume um papel central na construção rodriguiana, local de encontro entre "grã-finos" com os "'crioulos" desdentados que viam no futebol o remédio para as suas "santas e velhas humilhações". Configura-se, assim, o futebol como "uma espécie de utopia, em que todos os brasileiros poderiam sentir-se irmanados sob a pátria em chuteiras", mas longe de ser uma "utopia igualitária" já que a hierarquia social era mantida entre as cadeiras e tribunas e a geral. Sua perspectiva era a de que "a desigualdade não obstrui a interação social entre desiguais e o compartilhar de valores comuns" (Idem: 190), o que encontra guarida no referencial romântico.

Jogando com a Visão de Nelson Rodrigues sobre o Futebol Brasileiro

Nesta seção, vamos, finalmente, nos valer dos escritos de NR; e para falar de Nelson ninguém melhor do que o próprio. Assim, recorreremos, laudatariamente, a seus escritos. Em uma crônica de 1955, percebe-se uma nostalgia ao defender o futebol antigo, tratando-o como "um fenômeno vital muito mais rico, complexo e intrincado. Hoje, os jogadores, os juizes e os bandeirinhas se parecem entre si como soldadinhos de chumbo", não se impondo "como um símbolo humano definitivo". O lado "canalha" se expressa quando pondera que se, antes, havia o "juiz ladrão, no presente [1955], os juízes são de uma chata, monótona e alvar honestidade", pois "a virtude pode ser muito bonita, mas exala um tédio homicida e, além disso, causa as úlceras imortais". A causa disso seria o profissionalismo que "torna inexequível o juiz ladrão. E é pena. Porque seu desaparecimento é um desfalque lírico, um desfalque dramático para os jogos modernos". Em síntese, "as condições do futebol contemporâneo tornam impraticável a existência do canalha" (RODRIGUES, 1993, 15), o que inclui os 29 homens em campo (jogadores, juiz, bandeiras e gandulas). Todos estariam debaixo da "nova ordem", ou seja, o profissionalismo, que pode ser visto como a afirmação de uma ordem mais impessoal, em que não há espaço para práticas e interesses personalistas e escusos, tirando o sabor do futebol. O autor critica, corajosamente, a perda do referencial hobbesiano, ou seja, elementos do mundo da natureza superados com a entrada no mundo social, mas que, em seu entender, devem fazer parte da sociedade ao expressar a verdadeira condição humana.

Ao comentar a derrota e eliminação do Brasil na Copa de 54, na Suíça, NR prega, *avant la lettre*, que "o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador", pregando que "o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais". A derrota para a Hungria, em 1954, NR não a atribui à superioridade técnica dos adversários, pois "em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis", já tendo acontecido antes do jogo, pois "estávamos derrotados emocionalmente" e não era "uma pane individual", mas "um afogamento coletivo". "Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, o técnico, o massagista", pois "quem ganha e perde as partidas é a alma", foi esta que "ruiu face à Hungria" como havia acontecido com o Uruguai, em 1950. Considerando que o técnico não entende de alma, "Freud seria mais eficaz" que os técnicos em 50 e 54, e "só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele" (RODRIGUES, 1993:25). Aqui, NR extrapola sua visão do jogador derrotista para o homem brasileiro.

Em uma crônica emblematicamente intitulada "Abaixo a humildade", Rodrigues identifica no brasileiro traços fortes de muita humildade, mormente no técnico da seleção brasileira, o mesmo de 1950, Flávio Costa, que anunciava, "a babar de humildade", que a seleção iria para aprender em uma excursão à Europa. NR recusa esta posição baseado no retrospecto positivo dos jogos internacionais da seleção, contrapondo a necessidade de "uma manifestação ereta e viril e não esse esgar de subserviência". Quando também o presidente da CBD manifesta não haver "nenhuma" chance na copa vindoura (1958), observa o desfaldar da "humildade nacional", o que o leva a identificar uma "instintiva", "incontrolável tendência para a autonegação", associando-a ao "servilismo colonial" que estava também afetando o futebol. Situa, assim, o problema do futebol em uma raiz histórica que teria nascido com a colônia (RODRIGUES, 1993:18).

Destila, também, o articulista sua ira contra "alguns cronistas patricios [que] entoaram um verdadeiro canto de autonegação", ao considerarem os jogadores húngaros como "divinos" e os brasileiros "uns pernas-de-pau", quando ao voltarem da Suíça com um "deslumbramento", pois "escorria-lhes da boca (...) a baba grossa e bovina da admiração", construção recorrentemente usada por ele. Ao afirmar que esses cronistas "se põem de cócoras, que se agacham, que se prostram no culto abjeto do futebol húngaro" (RODRIGUES, 1993; 19), identifica neles uma atitude de humildade, uma tendência a valorizar o que é de fora, uma autonegação das condições locais; NR, aqui, exala um forte nacionalismo, ao mesmo tempo que critica esses cronistas que acham que "não prestamos! Nós não valem nada! Nós somos uns pobres-diabos!", o que considera "um aviltamento próprio, que traduz uma deformação indiscutível"; exaltar os húngaros com "histérico exagero para rebaixar o futebol patricio". Aprofunda a sua crítica a esses cronistas por ocasião de um jogo realizado em 1957, no Maracanã, entre o Flamengo e o Honved, time húngaro, onde o brasileiro venceu de goleada. Para esses cronistas, o resultado se devia ao fato do time visitante estar "gordo", "desambientado", com "saudades da família", não dando crédito e méritos ao time brasileiro; o que o leva a uma percepção mais estrutural extrapolando o futebol. "O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: - somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem" (Idem:20).

Um caminho para nos apropriarmos melhor do que seria esse homem brasileiro pode ser extraído pela comparação que NR faz com o homem sueco, com sua inevitável pitada de bom humor: "Ora, o sueco representa o anti-brasileiro por excelência (...) sob o ponto de vista técnico, tático e humano (...) um inefável doce-de-coco, um cândido arroz-doce. Nenhuma malícia, nenhuma maldade, nenhuma violência", comentários feitos a propósito do jogo de um time sueco, AIK, no Maracanã, em 1957, contra o Flamengo. Enquanto o futebol sueco caracteriza-se por "uma ingenuidade emocionante", o futebol brasileiro, uruguaio e argentino se caracteriza por uma "mistura de molecagem e ferocidade, de virtuosismo e má-fé", o que produz "um show delicioso" (RODRIGUES, 1994: 29).

O autor apresenta uma síntese do que é o futebol brasileiro (e do cone sul), o que lança luz à percepção do que seria esse homem brasileiro, uma mistura daqueles componentes, alguns pouco éticos, mas vistos como qualidades, aproximando-se do homem do estado de natureza. Em uma ordem racional, atributos como malícia, maldade, violência, apenas para ficar nos esgrimados pelo autor, seriam condenados, ao passo que, em uma ordem tradicional, tornam-se elementos de sobrevivência. Ainda agrega outro aspecto que reforça o seu perfil do homem brasileiro: havia uma "quase cômica superioridade do Flamengo", contudo, a equipe "não sabia o que fazer de tanta superioridade e (...) se envergonhava de manifestá-la" (RODRIGUES, 1994:30). Em outras palavras, o sentimento de inferioridade também se expressa quando se é superior, mas não consegue reconhecer este estado.

Se, em determinadas passagens de sua obra, NR recorre à Freud, se cita Shakespeare em outras, chega um momento em que o autor recorre a uma visão,

digamos mais espiritualizada, base de uma sociedade mais tradicional. Nelson afirma que "não há um Deus geral (...) O que existe, sim, é o Deus de cada um, um Deus para cada um". Tais ponderações são introduzidas a respeito do jogo Botafogo 6 x Fluminense 2, quando afirma que, com "obtusidade de ateus", os torcedores do Fluminense pensando que "Deus não se interessa por futebol!" o excluíram da sua torcida, não havendo naquele dia um clube "tão sem Deus como o Fluminense". A partir daí, uma ilação é feita, que é o que mais nos interessa. "Ora, nenhum brasileiro consegue ser nada, no futebol **ou fora dele**, sem a sua medalhinha no pescoço, sem os seus santos, as suas promessas e, numa palavra, sem o seu Deus pessoal e intransferível. É esse místico arsenal que explica as vitórias esmagadoras" (ênfase acrescentada). A vitória do Botafogo ocorre porque esse "Deus tão cordial, íntimo, terno (...) se incorporou à torcida botafoguense (...) " (RODRIGUES, 1993, p.37). Sem Deus, o time, o homem ficariam abandonados, e este homem brasileiro rodriguiano, então, não só carrega um sentimento de baixa auto-estima, de auto-depreciação como, também, uma religiosidade, fortemente elevada e decisiva, típica de sociedades mais tradicionais que, ainda, não concluíram o trânsito para a sociedade moderna.

Na derrota frente à Inglaterra, em jogo amistoso, em Wembley, confessa o autor que "estrebuchei de raiva cívica", sentiu ódio do jogador inglês, Taylor, autor de dois gols, ódio também sentido pelo "resto do Brasil" (RODRIGUES, 1993, p.37). Certamente há um exagero aqui – traço característico do autor –, pois grande parte do Brasil, ainda predominantemente rural e com pouco acesso à informação naquela época, nem teve ter tido conhecimento do resultado, sequer do jogo! Ele deve estar se referindo a este Brasil urbano, Atlântico fundamentalmente, mas, afinal, formador de opinião. O que o autor, efetivamente, defende é que o futebol possui uma forte capacidade de mobilizar e que assume um primeiro plano nas preocupações nacionais.

Na primeira crônica de NR sobre Pelé, já o chama de "rei", identifica nele o que poderia ser visto como a negação desse homem brasileiro por ele descrito. Em primeiro lugar, em que pese sua baixa idade (17 anos), localiza neste uma "vantagem considerável: a de se sentir rei, da cabeça aos pés", exalando uma "sensação de superioridade". Saúda, Nelson, a falta de humildade do jogador ao se considerar o melhor atacante do mundo, o que não causava qualquer "desplante", pois "o fabuloso craque põe, no que diz, uma tal carga de convicção" (RODRIGUES, 1993: 42) que acaba por convencer a todos. O jovem jogador seria o anti-brasileiro típico, por excelência. Esse deslumbramento se deu a partir de um jogo contra o América, do Rio, em que Pelé fez 4 gols, em jogadas sensacionais, "e quase sempre pelo esforço pessoal"; o que demonstra uma "plenitude de confiança, de certeza, de otimismo" sendo "sua virtude maior" exatamente "a imodéstia absoluta. Põe-se acima de tudo e de todos". Ao valorizar o "esforço pessoal", ou seja, a capacidade e dedicação ao trabalho, NR se identifica com os parâmetros de uma sociedade moderna, cuja ética do trabalho é valorizada, como apontado anteriormente. Além do diagnóstico, exara um prognóstico: "Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém", ou seja, não praticará nenhum sentimento de inferioridade; e torna-se taxativo: "é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos" (Idem: 43). Finaliza com uma previsão (afinal, correta). "Com Pelé no time e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão de nós" (Idem: 44), reforçando a perspectiva de que a inferioridade, agora, com Pelé e outros, não se repetiria frente a países desenvolvidos, note-se, todos europeus.

As características do jogador brasileiro, extrapolando para o homem brasileiro, podem ser melhor apreendidas ao comentar "os defeitos" atribuídos ao jogador Almir, entre eles, a indisciplina. Argumenta que "ninguém" é disciplinado no país, e vai além: "se vamos tirar do brasileiro a disciplina, que é uma das suas mais fidedignas características nacionais, ele perderá muito do charme, do panache. Faz, assim, a defesa da indisciplina como uma qualidade nacional, o que confronta

com a disciplina como uma característica básica da sociedade moderna, capitalista. Vai mais longe ainda, quando sustenta que “no esporte brasileiro, a indisciplina começa de cima, começa do alto”, e exemplifica com o caso do vice-presidente da CBD que “vive a desafiar a autoridade presidencial do Sr. João Havelange”, presidente da entidade. “E se um vice-presidente da CBD ignora os próprios limites, não admira que Almir faça o mesmo”. A afirmação é rica para entendermos os parâmetros de uma sociedade moderna e uma sociedade tradicional, mais especificamente pré-moderna, hobbesiana, em que a indisciplina, leia-se falta de ordem, poderia ser um traço decisivo. O autor assume uma posição de defesa do jogador Almir: “apesar dos seus defeitos, ou por isso mesmo, eu o vejo como um exato símbolo pessoal e humano do futebol brasileiro” (RODRIGUES, 1994, p.42).

Aproximando-se da Copa de 1958, a seleção brasileira fez dois jogos preparatórios contra o Paraguai, ganhando o primeiro, no Maracanã, por 5x1. Mesmo assim, Nelson detecta, que os torcedores brasileiros estariam “amargos e deprimidos”, o que interpreta como um símbolo “exato e definitivo” da torcida brasileira (RODRIGUES, 1993, p.49), pois a “primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo (...). Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio”, o que o leva a afirmar que, “por uma prodigiosa inversão de valores, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota”. No segundo jogo, com empate de 0x0, no Pacaembu, “só se viam caras incendiadas de satisfação”, indicando que já tem torcedores apostando no fracasso na Suécia. Com esse quadro, o autor amplifica, uma vez mais, o seu pensamento defendendo que “o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades”, voltando-se ao emblemático e problemático 1950: “Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro”. Assim, “o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo (...), é um Narciso às avessas (...)” (Idem:50). De forma grandiloquente e assertivo, Nelson toma o futebol como metáfora para entender a Nação, associando os dois, em que o fracasso no futebol implica o fracasso do homem nacional em geral.

A decisiva contribuição do conceito de “complexo de vira-latas”

Em sua última crônica antes da estréia do Brasil na Copa de 58, chamada “Complexo de Vira-latas”, o focalizado atinge o ápice de sua obra ao depositar este conceito. Identifica, desde a derrota na final de 1950, um “pudor de acreditar em si mesmo (...)”. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar”. A negação da seleção de 58 reside no “pânico de uma nova e irremediável desilusão” (RODRIGUES, 1993: 51). Caso algum leitor lesse esse texto, suprimindo-se a referência ao futebol, poderia pensar que o autor estivesse a falar de alguma guerra travada pelo país; o que não é o caso, mas mostra a importância atribuída ao futebol por ele e tantos outros.

Embora admita não ver “possibilidades concretas” de vitória, expõe sua idéia central que, “qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção”. Aqui, o autor revela traços típicos do romantismo assentado nas qualidades artísticas do indivíduo, dado que “temos dons em excesso”, só nos atrapalhando o “complexo de vira-latas”, entendido como a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. **Isto em todos os setores** e, sobretudo, no futebol”. Arrefece seu ímpeto ao ponderar que isto não quer dizer que nos julgamos “os maiores”, o que seria uma “cínica inverdade” (RODRIGUES, 1993: 52, ênfase adicionada).

No já mencionado amistoso com a Inglaterra, em Wembley, Nelson assevera que “a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo”. E relembando, mais uma vez, a derrota de 50, o time brasileiro teria perdido, apesar de sua superioridade diz,

"porque Obdúlio [o famoso líder do time uruguaio] nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos" (Idem). Vale a pena observar que esse suposto complexo de inferioridade não ocorria apenas frente aos europeus, como o caso da derrota contra o Uruguai confirma, o que agrava, digamos assim, esse complexo, já que não seria apenas um sentimento cultivado frente a povos desenvolvidos. De forma taxativa, "o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática", mas de "fé em si mesmo". Diagnostica que "[o] brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia" ((RODRIGUES, 1993: 52).

Iniciada a copa, enaltece Garrincha, tido como o jogador decisivo na vitória do Brasil contra União Soviética por fazer a "desintegração da defesa russa", deixando os adversários espantados com o que estavam vendo; por "subverter todas as concepções do futebol europeu". O próprio NR revela sua surpresa, dado que "jamais se viu, num jogo de tamanha responsabilidade, um time, ou melhor, um jogador começar a partida com um baile..., sim, baile!" (RODRIGUES, 1993:53). Novamente, uma característica que não é típica da sociedade moderna, racional, que não reconhece "o baile" como uma das características do processo de trabalho (ainda que seja um jogo de futebol), mais coerente com o espírito do romantismo. Ao mesmo tempo, indiretamente, associa o baile à irresponsabilidade. Então, este seria o jogador brasileiro mais arquetípico, o homem brasileiro em sua essência? Com tal performance, "em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro" (Idem: 54). Assim, o florescimento do gênio criador, base do romantismo, despertaria o sentimento de valorização da nacionalidade.

Comentando a estratégica vitória, na Copa, contra o País de Gales, por 1x0, o autor revela o que seria "nossa tragédia: - a pura e simples vitória não basta (...) E o triunfo sem show, sem apoteose, o triunfo enxuto deixa o brasileiro descontente e desconfiado" (RODRIGUES, 1993: 55). Até o momento em que Pelé fez o gol salvador, "o Brasil inteiro, de ponta a ponta, do Presidente da República ao apanhador de guimba, o Brasil estava agonizando, morrendo ao pé do rádio" (Idem: 56). Ainda que possa parecer muito exagerado e passional, sua avaliação, talvez, não se afaste muito da realidade do país. Ao colocar o futebol como agregador, homogenizador da estrutura de classes, o autor revela, mais uma vez, o caráter não político do romantismo.

Na hora do gol, revela Nelson que soltou um urro, um uivo, "um som jamais ouvido, desde que se inventou o homem. Algo de bestial, de pré-histórico, antediluviano, sei lá"; valoriza, aqui, elementos típicos do estado de natureza, brutais, em sua manifestação. Diz nunca ter experimentado "euforia assim brutal", o que se constituiu em "um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional", ou seja, o que proporciona esse orgulho é o futebol, talvez nada mais, o que afasta a vergonha! Ao elogiar Pelé, "esse menino" que "não se abala, nem se entrega", ao contrário do brasileiro em geral, "suscetível de se apavorar em face dos títulos do inimigo, ele não acredita em nada. Ninguém é melhor do que ele" (RODRIGUES, 1993:56); sinaliza, implicitamente, que o homem brasileiro deveria mimetizar o jogador.

Ao comentar o jogo da semi-final contra a França, o autor destila o seu nacionalismo, traço constitutivo do romantismo - ainda mais em ex-colônias. Reclama que, enquanto A Marselhesa foi cantada, o nosso hino foi apenas tocado. Registra que se diziam "maravilhas frenéticas do ataque francês", nos causando, assim, "pavor"; porém, "os franceses, furiosos com o deslumbrante baile do Brasil, baixaram o sarrafo" (RODRIGUES, 1994: 45). NR se refere, principalmente a Vavá, autor de dois gols, o qual é enaltificado por sua coragem de enfrentar os adversários. O desempenho da seleção, leva Nelson a denominá-la de "escrete da coragem" (Idem: 46). Novamente, o baile seria a valorização de elementos estéticos de uma sociedade perdida no tempo, dos clássicos, mas que ainda estaria presente no futebol brasileiro.

Na crônica referente à conquista da Copa de 58, o articulista enaltece Didi, desacreditado por vários jornalistas, afirmando que "[n]ão se podia desejar mais

de um homem, ou por outra: não se podia desejar mais de um brasileiro". Destaca, ainda, as virtudes do jogador: "gana", "garra", "seriedade", "calma lúcida", as quais agrega as de "um homem de bem", demonstrando "constância", "fidelidade", "bravura", "entusiasmo", o que "basta para caracterizá-lo como um brasileiro de altíssima qualidade humana". Nota-se, aqui, que Nelson vê uma coincidência entre o jogador e o homem brasileiro, indicando que tais características são as que definem o homem brasileiro de bem, deixando de lado, no caso, características do estado de natureza: expressa, assim, o lado "santo" do brasileiro. Melhor se expressa: "nenhum escrete levanta um campeonato do mundo se o homem não presta", revelando a necessidade de qualidades morais para o homem. Estavam enganados os torcedores que o imaginavam "incapaz de paixão, incapaz de gana, incapaz de garra. Molhou a camisa, derramou até a última gota de suor, matou-se em campo" (RODRIGUES, 1993: 59). Aqui, o autor mostra a necessidade da convivência, pelo menos no futebol, das características do trabalho árduo com a paixão, a gana, garra. Em outras palavras, são necessárias tanto características do mundo mais racional, moderno, da valorização do trabalho, como as do mundo mais tradicional. NR, assim, se afasta de uma visão puramente romântica.

A visão nelsonrodriguiana, meio épica, meio ingênua, se concretiza quando assevera a existência no Brasil de "analfabetos demais", mas que "a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita" (RODRIGUES, 1993: 59). Em sua percepção, aconteceu uma "coisa sublime: analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo (...), nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil" (Idem: 60).

Parece que a saída foi mágica, analfabetos foram subitamente ungidos pela capacidade de ler, o que o aproxima de uma visão "alucinatória" e irreal da realidade, mostrando a inexistente conexão entre o pensamento romântico e a política real. Atribui essa transformação ao escrete, aos jogadores que formaram o maior time do mundo em todos os tempos e, assim, "o Brasil descobriu-se a si mesmo". Amplia, Nelson, a dimensão da vitória: "[o]s simples, os bobos, os tapados hão de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos", mas a vitória "lá fora, contra tudo e contra todos" representa "um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: é chato ser brasileiro!" (RODRIGUES, 1994: 60).

Dessa forma, Nelson extrapola a vitória do futebol para a nacionalidade em geral; é uma vitória do Brasil, não apenas do selecionado de futebol, em que ocorre o nivelamento das diferenças sociais e de classes, típico de um referencial cuja política não é incluída. Com a conquista da Copa "ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. (...) O povo já não se julga mais um vira-latas", tem "o brasileiro (...) de si mesmo uma nova imagem", já percebe a "totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas". Agora, tudo mudou (...) [a] vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo"; defende que o brasileiro "reage diante do mundo com um potente, um irresistível élan vital" (RODRIGUES, 1994:64).

Nega, agora, a explicação do brasileiro a partir das "três raças tristes", pois com o título mundial "a nossa tristeza é uma piada fracassada", bem como deixamos de ser "feios", dado que "o triunfo embelezou-nos". Em sua construção, o autor ainda agrega um outro fator que, nesse caso, nos aproximaria do primeiro mundo e da lógica mais racional: "o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial (...) o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro" (RODRIGUES, 1994: 64). Nesse ponto, é agregado o fator da disciplina, exatamente uma característica do mundo anglo-saxão e racional, mas pode-se verificar, aparentemente, uma certa contradição do pensamento do autor, pois a cafajestice era, antes, louvada como uma característica nacional positiva. O que, na verdade, acontece é

que no arcabouço teórico do escritor convivem, como exposto, os dois lados, o "santo" e o "canalha".

Ao tempo que considera Pelé como "gênio" (RODRIGUES, 1994, 53), observa que já houve quem visse exagero nos elogios. "Mas o brasileiro é assim mesmo", após a vitória logo surgem "os descontentes, os fartos, os saturados", o que o faz exarar outra definição do nosso comportamento, extrapolando o futebol: "o brasileiro reage ao bem que lhe fazem com uma gratidão amarga e quase ressentida". O escrete deu-nos "a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer vira-lata em campeão do mundo. Mas a nossa gratidão logo secou (...)" (RODRIGUES, 1994: 54).

Ao comentar o jogo final do campeonato sul-americano, contra a Argentina, onde este país sagrou-se campeão, o cronista afirma que "o país irmão queria, precisava, exigia essa vitória. Desde Frondizi até o mais obscuro apanhador de papel fazia do título continental um problema de vida ou de morte nacional". Percebe-se em seu pensamento a existência, também na Argentina, desse amálgama; uma superposição entre o futebol e a glória e a honra nacionais, aplicando Nelson o mesmo raciocínio feito para o Brasil, o que parece indicar que o vira-latismo seria um problema típico de países pobres, subdesenvolvidos e atrasados. O futebol estaria substituindo a ausência de sucessos em outras áreas da vida nacional. Vai mais longe o cronista ao considerar que "a Argentina se excluiria do mapa", o país vizinho "se auto-riscaria do mapa" (RODRIGUES, 1994: 63), caso não vencesse, não conquistasse o título. O autor mostra, assim, que a derrota no futebol chega às raízes da eliminação da nação, o que pode indicar um exagero, mas exhibe a centralidade do futebol nesses contextos, no pensamento de Nelson.

Rodrigues destaca a importância da posição de goleiro, pois, enquanto os outros podem falhar, o goleiro tem que ser "infalível", e ao se lembrar a copa de 50, "ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva", mas sim em Barbosa, o goleiro sobre quem se "descarrega (...) a responsabilidade maciça, compacta, da derrota". Adiciona Nelson que "[o] brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da Espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa". (RODRIGUES, 1994: 69). Assim, a tragédia de 1950 teria permanecido mais na lembrança que a mortandade de 1918, uma "tragédia", "uma enchente de caixões" (Idem: 72). Em outras palavras, o autor retira a importância de eventos em outras áreas frente ao futebol, ou o *recall* do futebol seria maior do que de outros assuntos da vida civil e política para o brasileiro.

Na Copa de 1962, no Chile, o cronista destila, novamente, o seu pensamento sobre a ligação entre o futebol e o brasileiro. No jogo contra a Espanha, sem a presença de Pelé (contundido), o fraco desempenho do time no primeiro tempo foi visto como um "fracasso" que "doeu mais, aqui, que a humilhação de Canudos" (RODRIGUES, 1994: 74). Pode-se constatar que o autor faz novamente a ligação com um fato histórico, dando maior relevo ao fracasso no futebol (em um jogo que ainda não havia terminado!) do que a um fato histórico de peso. Esse posicionamento pode comportar um outro olhar sobre o autor em tela: não é que ele sobrevaloriza o futebol, mas, sim, também, que subestimaria fatos políticos históricos, compatível com a visão do romantismo de não valorização da política.

Com a vitória parcial da Espanha, sentia-se uma "atroz" (...) humilhação nacional", e a cidade do Rio de Janeiro parecia "uma espécie de Hiroshima. As buzinas emudeciam no tráfego. Até os edifícios pareciam tristíssimos e inconsoláveis". Extrapola, Nelson, o contexto do Rio ao identificar que eram "[s]etenta e cinco milhões de almas a meio pau", mas "ocorre o milagre: o Brasil se descobre a si mesmo". O autor vai além, consegue ir além: "[t]odo um povo levantava os braços para o céu.", ao que "Deus respondia: '- Calma! Calma!", mostrando a convergência de elementos religiosos e patrióticos em seu pensamento. Com soberba atuação de Amarildo (substituto de Pelé) e de Garrincha, a seleção brasileira vence o jogo, sendo que o segundo gol de Amarildo constitui-se em "uma página de Guerra e Paz", coisa que "mudou o Brasil"; este se transformou em "grande potência", estando "todos, com a fronte erguida e fatal de profe-

tas. Nesse momento, a crioulinha, favelada e descalça, tem um halo de Joana d'Arc. E o brasileiro mais pé-rapado, mais borra-botas, enrola-se num manto como um rei Lear. O Brasil venceu. Somos milhões de reis" (RODRIGUES, 1994: 74). O autor não poupa, não economiza adjetivos grandiloquentes para caracterizar a situação, percebendo-se a estreita relação entre a conquista no futebol e a realização da nação, o despertar da potência. Ainda que haja uma generalização, pois todos são reis, os exemplos citados se referem exatamente aos mais carentes, necessitados, os excluídos, mostrando como o povo, genericamente, torna-se o elemento foco do romantismo.

Na seqüência da Copa, no jogo contra a seleção do Chile, a vitória de 4x2 transforma-nos em "uma nação de 75 milhões de almas eretas como lanças", gerando uma "euforia nacional" justificada pela possível armação de um "massacre emocional do nosso escrete" através da "intimidação", "sarcasmo", "apito" (possível ajuda do árbitro), com pressão da imprensa local. É interessante perceber que as forças inimigas não residem apenas nos países desenvolvidos, incluindo também o Chile, longe de sê-lo. Além disso, agrega Nelson, a seleção nacional não estava com sua "máxima potencialidade", dada a contusão do "deus Pelé" (RODRIGUES, 1994: 76). A esse respeito, diz que tal notícia "parou todo um povo", o que gerou "uma coisa inédita para a experiência humana – uma distensão chorada e velada por toda uma pátria" (Idem: 77). Rodrigues mostra toda sua passionalidade ao encaixar a dor sentida pela pátria devido à contusão de Pelé a uma experiência inédita da humanidade, ou seja, dando um caráter de importância ao futebol para o país comparável a uma guerra, a perda de um herói nacional. É, assim, que ele vê os grandes futebolistas, ainda mais Pelé.

Ainda que a perda fosse grave, "o povo brasileiro é tão formidável que, na vaga de um gênio, pôs outro gênio", Amarildo, realçando a importância do gênio no romantismo. De Didi destaca "a sua ginga maravilhosa de gafeira", revolta-se, ainda, com a expulsão de Garrincha, comparando-o a um passarinho: "não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané" (RODRIGUES, 1994:78). Nessa quadra, a referência a ser despertada é Rousseau, que defendia o estado de natureza e seu habitante, o bom selvagem; este possui condições e habilidades superiores ao homem civilizado (ROUSSEAU, 1988). Nunca é demais lembrar que o filósofo genebrino foi uma das influências fortes do romantismo.

NR finaliza a crônica colocando um dilema:

um mistério (...). O time ou o país que tem um Mané é imbatível. Hoje, sabemos que o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha. Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas" (RODRIGUES, 1994:77).

O cronista defende, praticamente, um país no estado de natureza, no qual se manifestariam as forças mais vivas e autênticas do ser humano, não corrompidas pela civilização, conforme receita Rousseau. NR exagera quando acredita que se fôssemos, todos, garrinchas seríamos mais poderosos que as duas grandes potências da época, bastante próximo do pensamento "alucinatorio"! Quando Garrincha está prestes a encerrar a carreira, brota do autor a observação de que "[p]oucos homens serviram tanto o seu povo" (RODRIGUES, 1993:138).

O cronista se delicia ao comentar a partida final, contra a Tcheco-Eslováquia, com a vitória de 3x1 da seleção brasileira, a conseqüente conquista do título e, mais ainda, ao comentar a performance de Garrincha, marcada por seguidos dribles nos adversários, o que causou "gargalhadas em todo o estádio". Os tchecos em sua "desesperadora impotência" não perseguiam mais a bola, ficando "quietos". "Garrincha também não se mexe. É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo, de outro lado, feio e torto, o Mané". Fica clara a contraposição feita pelo observador entre os europeus brancos e o brasileiro de características físicas inferiores; mas, é este que domina e intimida os outros. É o gozo para o cronista. A esse respeito, agrega o autor, assim se pronunciaria um grande poeta; "o homem só é verdadeiramente homem, quando brinca! Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo brasi-

leiro, está todo o Brasil". Ao imobilizar, "pela magia pessoal, os onze latagões tchecos", Garrincha revela "um traço decisivo do caráter brasileiro: a molecagem" (RODRIGUES, 1994: 79). Ao trazer uma observação de Hélio Pellegrino, poeta e psicanalista, de que "o brinquedo é a liberdade" (Idem: 80), o autor associa Garrincha ao brinquedo, à molecagem, reforçando os traços do homem no estado de natureza, esfera onde certamente o homem pode manifestar mais puramente sua índole.

Lembra o nosso autor que os times europeus vinham com alta expectativa para a Copa de 62, tendo estudado "a nossa técnica e toda a nossa tática", comendo, porém, em seu olhar, "um equívoco pequenino e fatal", qual seja, "o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem, o mesmíssimo futebol seria o desastre" (RODRIGUES, 1994: 80). A passagem permite conhecer melhor o pensamento nelsonrodriguiano: quando ele fala em homem brasileiro, em alguns momentos ele quer dizer, simplesmente, o jogador brasileiro, enquanto em outros, seria o homem mesmo, mas o homem a partir do jogador de futebol. Qualificando melhor, NR afirma que "a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana"; e para nos vencer, os europeus teriam que "passar várias encarnações aqui", teriam que nascer no subúrbio do Rio, precisariam "ser camelô no Largo da Carioca" e de "toda uma vivência de boteco, de gafeira, de cachaça, de malandragem geral" (Idem, 80). Aqui, Nelson, aflora todas as virtudes, em seu entender, que fazem o brasileiro superior, todos os requisitos da brasilidade, talvez melhor, da carioquicidade.

Esmerilhando seu argumento, NR avança no sentido de singularizar que "o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos"; constitui-se em "uma nova experiência humana". Eleva "a molecagem" ao pedestal trazido pelo homem do Brasil como "um elemento inédito, revolucionário e criador", atingindo um ponto alto do estado alucinatório. O futebol brasileiro era "delirante" cheio de "vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora", todas as características que se opõem ao modelo racional da sociedade moderna. Ao Fazer um balanço daquela Copa de 62, comenta que o inglês "apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro "vive" cada lance e sofre cada bola na carne e na alma (...) fora do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente". Afirma o cronista que ninguém compreenderá que ganhamos a Copa devido à "nossa qualidade humana" e ao "mistério de nossos botecos", além da "graça das nossas esquinas, e o soluço das nossas cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes" (RODRIGUES, 1994: 81); mistura, assim, os dois lados, "santo" e "canalha". Para entender esses delírios, para além de sua filiação ao romantismo, deve-se levar em consideração o tipo de sociedade que havia no Brasil na época, uma sociedade ainda em trânsito para a modernização, assentada em valores mais tradicionais, com a especificidade própria do caso brasileiro e, mais ainda, carioca.

Ao posicionar-se de forma contundente, ainda que romântica, contra a venda do passe de Amarildo para a Itália, logo após a Copa de 62 (em uma época em que essas transações eram raras). O autor revela traços de sua consciência social mais ampla; afirma que "a única miséria orgulhosa é a brasileira". Utiliza-se do retirante retratado por Portinari para expressar sua visão do "homem, nos seus farrapos espectrais, lambendo a sua rapadura. Pois o pobre-diabo brasileiro conserva, no meio da subnutrição mais hedionda, todas as suas potencialidades intactas" (RODRIGUES, 1994: 84). Nessa passagem, o autor reconhece o homem brasileiro, pelo menos o retirante (a maioria, por certo), como um "pobre-diabo" bem como crítica de forma inequívoca a subnutrição da maioria do povo. Admite, porém, que suas potencialidades estão preservadas, dado que a resposta virá desde que "alguém provoque a sua honra", pois "ressuscitará como um Lázaro da miséria", sendo "capaz de chupar a carótida de reis" (Idem: 81). A prescrição feita atinge os píncaros da idealização, um estado "alucinatório", totalmente fora da realidade, ou acredita num potencial revolucionário, desafiador da ordem existente, não pela via política, mas pela via romântica.

Em 1965, a seleção faria um jogo amistoso contra Bélgica, no Maracanã, jogo visto como a oportunidade de “vingar a desfeita” de uma derrota por goleada em um amistoso anterior em Bruxelas, gerando uma “humilhação [que] ainda pingava sangue” (RODRIGUES, 1994:81). Para o cronista, “cada brasileiro presente [no estádio] era um patriota”; levando-o a asseverar que “o ressentimento funda uma nação. Nunca fomos tão brasileiros, tão Brasil”. Com a goleada devolvida, em que apenas “interessava a vingança, o “orgulho nacional” foi restaurado. “A vitória purificou e, mais, a vitória pacificou a pátria” (Idem: 94). Percebe-se no texto de Nelson um trânsito constante entre o futebol e a pátria, os dois se mesclando e, conforme já dito acima, detecta-se uma sensação da existência de uma guerra que o país acabara de travar, voltando com a alma lavada. Essa visão de pátria associada ao futebol não é exclusividade do teatrólogo cronista; pode, também, ser encontrada em outro literato de peso, José Lins do Rego. “Assim como a pátria, o clube de futebol parecia conter esta capacidade quase mágica de irmanar indivíduos desgarrados e dispersos ao longo do vasto território nacional” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2004, 175). Por essa afirmação e as anteriores, poderíamos dizer que parece que estamos condenados ao futebol!

Voltando a NR, este atinge o êxtase ao descrever um dos gols de Pelé, em que o jogador, cercado por adversários, “lavou o terreno com fintas sublimes” (RODRIGUES, 1994: 94), levando o cronista visionário a afirmar que, com este gol, “baixou no estádio a certeza de que virá do Brasil para o mundo a grande Palavra Nova”, o que leva “ao nascimento de um novo fanatismo e de uma nova fé: o escrete”. Ao assumir sem rodeios o *status* do fanatismo, ocorre uma aderência explícita à posição alucinatória. Na seqüência, qualifica melhor a seleção: “é a pátria sem esporas e sem penacho”, mostrando que seria uma nova ordem a ser venerada, em que não cabem os militares e nem os bacharéis em direito, em um país de militares (já estávamos no período pós 64) e de bacharéis. O argumento do autor se situa, de novo, totalmente fora do plano da política; no entanto, o proponente não especifica como isto seria alcançado. Na mesma linha, ao se regozijar com a “ressurreição de Garrincha”, dado como “morto e enterrado para o futebol” (Idem: 95), por ter este jogado uma grande partida, entende que “[o] público exultou como se Mané, com suas fintas deslumbrantes, estivesse quebrando o surto inflacionário”. Aqui, percebe-se o futebol funcionando como uma compensação para as massas, as fintas do jogador chegariam ao ponto de quebrar a inflação. Arredonda seu argumento pontuando que “ao sair do estádio, o povo ia reabilitado de todas as suas frustrações. Cada um de nós era um rei Lear a arrastar pelo chão o púrpura do seu manto” (Idem).

O complexo de vira-latas: o retorno

Próximo à Copa de 66, o autor fez uma crônica síntese das copas anteriores, batendo nas teclas costumeiras, ou seja, identifica na “polidez”, na “extrema delicadeza” (RODRIGUES, 1993: 121), o maior defeito do futebol brasileiro. Amplia o seu olhar, abandonando o futebol, ao asseverar que “[o] escrúpulo é próprio do subdesenvolvimento”. Certamente, aqui, NR absorve o jargão da época (usado pelas esquerdas, as quais o autor abominava, lembre-se). Ao escrúpulo, junta, Nelson, “a humildade, a lealdade, o altruísmo” e a “vergonha de pisar na cara do adversário caído. O europeu não. O europeu não recua diante de nada” (Idem: 122); a não incorporação de elementos do estado de natureza na ação contemporânea, teria feito as grandes nações, e este seria o caminho para a nossa pátria. Comparado ao inglês, “qualquer favelado nosso, desdentado e negro, é um monstro de boas maneiras”; defende, assim, a necessidade da recorrência à violência para um jogador se impor no futebol dos meados da década de 60, o que pode ser visto, com um olhar hobbesiano, como a realidade sendo formada de uma guerra de todos contra todos.

Em um balanço que fez de todas as copas para a revista Realidade, em junho de 1966, às vésperas da Copa na Inglaterra, NR mantém-se fiel às suas

idéias. Ao se referir à primeira Copa, ele reprisa a sua visão de que o "brasileiro era um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações" (RODRIGUES, 1994: 112); generaliza, assim, o conceito para a nação. Afirma que praticávamos uma "humildade abjeta", tínhamos "a derrota encravada na alma", sendo que o brasileiro frente ao "estrangeiro, tremia nos seus alicerces"; e mais, que não havia "nenhuma espécie de organização". Todos esses elementos do diagnóstico rodriguiano se aplicariam à nação também. Em 30, "ninguém esperava a vitória. Tínhamos uma longa e terna convivência com a derrota" (Idem: 113), praticávamos um "fatalismo bovino", pois "só estávamos preparados para perder". No campeonato de 1934, o autor aponta como problema a grande cisão entre a CBD e a Federação Brasileira de Futebol, causada pela implantação do profissionalismo, o que desencadeou "entre os clubes, um ódio de guerra de secessão ou de guerra civil espanhola"; mais uma vez, magnifica o que se relaciona à esfera do futebol.

Em 1938, NR enxerga "uma chance real de vitória", dado que "já se insinuava uma dúvida na nossa humildade", ou seja, a vitória só chegaria com a abolição da humildade que nos constitui. Nelson identifica o surgimento de um sentimento da superioridade do nosso futebol e destaca três jogadores de alta qualidade. Romeu, devido ao "tratamento quase lascivo" à bola, fazia com que cada lance fosse um "momento de arte", pois "sabia cultivar a bola como uma orquídea rara" (RODRIGUES, 1994: 114). Quanto a Leônidas, o vê como um "jogador rigorosamente brasileiro" por possuir "a fantasia, a improvisação, a molecagem, a sensualidade do nosso craque típico". Depois de um gol seu de bicicleta - "o salto mais lindo que já se viu" - tornou-se leve, elástico, alado; lá em cima, deitou-se e fez um maravilhoso movimento de pernas. Além do deslumbramento, "da beleza, da plasticidade, houve o resultado concreto: o gol" (Idem). Julgamos importantes os seguintes comentários, pois, em passagens anteriores, NR parece se referir a uma guerra e, agora, a um espetáculo de arte. Por outro lado, não é a arte pela arte, mas arte combinada a resultado, o gol, ou seja, há produto, há eficiência.

O terceiro destacado é Tim, um "estilista", o que teria praticado, talvez, o "futebol mais plástico, mais bonito, já feito por um brasileiro" (RODRIGUES, 1994: 114). Novamente, o cronista aflora uma das características centrais do romantismo, qual seja, a valorização do gênio criador; agora, três gênios. Além dos jogadores, NR destaca o torcedor que começava a perceber nossas potencialidades, o que pode ser entendido, também, não só no plano do futebol, mas do povo em geral em relação à nação. Na vitória contra Polônia, "o Brasil inteiro parou", e na vitória contra a Tcheco-Eslováquia, "houve um carnaval medonho por todo o Brasil" (Idem: 115). Quando o time brasileiro foi derrotado pela Itália, correu um boato que o jogo teria sido anulado: "[o] Brasil inteiro se levantou. Nas esquinas, grupos cantavam o Hino Nacional. Mocinhas choravam. Mas durou pouco a euforia cívica" (Idem), a vitória dos italianos fora confirmada. Constata-se nessa passagem de Nelson, não só o estado alucinatório, mas também o componente nacionalista exacerbado e a manifestação de uma cultura cívica a partir do futebol, talvez só a partir do futebol, ou, fundamentalmente, a partir deste.

A competição de 1950, "a grande, a inesquecível humilhação" frente ao Uruguai (RODRIGUES, 1994: 115), leva Nelson a considerar que "[c]ada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima". Ainda que evidentemente seja uma imagem, ou o autor desvaloriza Hiroshima ou valoriza demasiadamente a perda da Copa de 1950. Na Copa de 54, ao enfrentar a poderosa seleção da Hungria, não pudemos "ousar coisa alguma", pois "pertencíamos, psicologicamente, ao adversário" (Idem, 117), mostrando "medo demais". Mais uma vez, NR recorre a fatores menos convencionais e mais sofisticados (a psicologia) para explicar as derrotas. Na entrada em campo, consegue o autor perceber que a seleção está "de cabeça baixa e com a cara (...) de derrota prévia e consentida" (Idem), com medo do adversário.

Chegara 1958, "a ressurreição do futebol brasileiro" que começa a se concretizar no jogo contra a Rússia, em que a entrada de Garrincha "liberou os com-

panheiros de velhas e tremendas inibições. O Brasil passou, então, a dar tudo de si" (RODRIGUES, 1994:118). Consegue, também, Nelson perceber que, com a vitória em 1958, "o brasileiro mudou até fisicamente", e aponta, como exemplo, "uma crioulinha", que viu ao final do jogo, "típica favelada", transfigurada pela vitória brasileira, andando, pela calçada, "com um charme de Joana d'Arc. E, também, os criouloes plásticos, lustrosos, ornamentais, pareciam fabulosos príncipes etíopes". Pode-se perceber não só a referência aos grupos mais marginalizados, excluídos, como, também, a uma líder carismática, ou seja, a saída para o Brasil passaria pela liderança carismática, posição a ser confirmada já nos estertores de sua vida. Arrematando, afirma que "depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações". O que se pode observar, nessa síntese do autor, é a persistência de seu olhar compulsivo, obsessivo e alucinatório sobre o futebol brasileiro e o papel deste na afirmação do homem e da nação brasileira, passando por cima de fatores políticos, estruturais, aderente à moldura teórica do romantismo.

Na estréia da seleção na Copa da Inglaterra, "um dia santo" (RODRIGUES, 1993; 127), e com uma grande atuação de Pelé, dissolveram-se as diferenças, "ninguém era credor, ninguém era devedor", mas, apenas "brasileiros, da cabeça aos sapatos". O autor mostra um pensamento mágico, cujas diferenças sociais se dissolvem abruptamente. Era, apenas, "a primeira vitória. Mas a nação inteira crispou-se de sonho", que durou pouco devido às derrotas nos dois jogos seguintes, os quais desclassificaram a seleção nacional, deixando "80 milhões numa humilhação feroz" (RODRIGUES, 1993: 129). A culpa, atribui o cronista, à Comissão Técnica que formou não um time, mas "um bando de ciganos", sem qualquer "plano tático" (Idem: 130). Isenta, assim, o jogador brasileiro, que "continua o melhor do mundo", nada se comparando à graça, ao sortilégio, à flama do nosso craque". O time não foi derrotado pelos adversários, mas pela "burrice da Comissão Técnica" que, durante o período de quatro meses de preparação "teve tudo", teve "prestígio", "apoio", "confiança", "autoridade", o que pode ser compreendido como a defesa dos jogadores (povo) e a condenação dos dirigentes (Idem).

Desclassificado o Brasil, NR afirma que "a Inglaterra se prepara para ganhar no apito", e extrapola além do futebol essa explicação, indicando que "só os subdesenvolvidos ainda se ruborizam", enquanto "o grande povo é, antes de tudo, um cínico" (RODRIGUES, 1993:132). Nesse processo, não há "disfarce, ou escúpulo, ou mistério", tudo sendo feito de forma premeditada e aberta ao serem escalados juizes ingleses para apitar os jogos contra o Brasil e os outros países sulamericanos. Arrola, ainda, o cronista, outro fato: a violência dos adversários contra nossos jogadores sem qualquer contenção pelos juizes, e "o Brasil apanhou sem revidar" (Idem: 133). Mais ainda, sendo aquela Copa "uma selva", o jogador brasileiro aparece "com um jogo leve, afetuoso, reverente, cerimonioso", o que o leva a configurar dois tipos de futebol: o brasileiro, um "futebol diáfano, incorpóreo, de sílfides", e o europeu, "centauros truculentos, escouceando em todas as direções". Por fim, clama a necessidade de o jogador brasileiro ser "reeducado" no sentido de "virilizar o seu jogo", dado que o Brasil "sabia apanhar e não sabia reagir" (Idem).

Com esses elementos, Nelson não hesita em proclamar: "Voltamos a ser vira-latas", possuímos "uma humildade feroz de subdesenvolvidos" (RODRIGUES, 1994, 120). A trama para assegurar a vitória da Inglaterra não lhe causa espanto, dado que "foi assim, sempre. O grande povo não pode ruborizar-se como os subdesenvolvidos. Não. Tem de ser cínico para crescer e repito: - a História prefere os cínicos". NR atesta uma aceitação velada da pirataria, já que sem o "cinismo assim monumental, nunca se fez um império". Nesse tecido que envolve o retorno do "complexo de vira-latas" e do subdesenvolvimento, Nelson amplia o escopo deste último, ao detectar em seus colegas jornalistas "a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento". Identifica em um deles o desejo de "fazer do futebol brasileiro uma miserável colônia do futebol inglês". Em sua visão, não tínhamos nada a aprender com o inglês no futebol, a não ser como "ganhar

no apito". A lição aprendida naquela Copa, segundo Nelson, além do "cinismo" dos ingleses, foi o seguinte lema: "um império se faz pulando o muro e saqueando o vizinho" (Idem, 124). Combate, o nosso autor, o citado jornalista, por assumir na Inglaterra "todo o comportamento do subdesenvolvido, de várias encarnações", no momento em que exalta o futebol inglês, alemão e russo, "de uma clara, taxativa, ululante mediocridade"(...) "[um] retrocesso evidentíssimo", pois a "grossura, a deslealdade ou, numa palavra, o coice nunca foi moderno". Para Nelson, o jornalista pretendia transformar o jogador brasileiro em um "centauro". Assim, segundo NR, o escopo do subdesenvolvimento não reside, apenas, nos dirigentes (do futebol), mas também nos jornalistas que assumem posições de subalternidade frente ao futebol europeu; mostra como os países desenvolvidos alcançaram esse *status*, como que a indicar o mesmo caminho para o nosso.

Ainda, quanto à questão do subdesenvolvimento, NR afirma que "se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto", sua "dignidade depende de sua indignação", pois "nada mais abjeto do que o subdesenvolvimento consentido, confesso e até radiante" (RODRIGUES, 1994: 126). Na sua compreensão sobre o "nosso subdesenvolvimento", seria normal que "nós, paus-de-arara, estivéssemos vociferando contra a iniquidade. Um subdesenvolvido não pode manter a sua dignidade sem o protesto" (idem; 127), este é que "o salva, que o redime", mas em "uma reunião de colegas", ao invés dos protestos contra o roubo dos árbitros na Copa recém finda, assistiu-se "uma desenfreada adulação da Inglaterra, de sua mediocridade futebolística e da torpeza de sua arbitragem". Aprofunda-se o cronista na questão em tela de uma maneira mais dura e inequívoca ao entender que "a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as criancinhas apodrecendo", mas, talvez, "um certo comportamento espiritual" que faz com que "[o] sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não se reconhece nem o direito de ser vítima". Nesse diagnóstico, não remete Nelson a nenhuma categoria de caráter político, de dominação, de poder, de lógica do sistema capitalista. Ao recorrer a uma interpretação dita "espiritual" do subdesenvolvimento brasileiro, reforça o pensamento romântico.

Ao se deter no comentário feito por um jornalista, em que este deplora "a histeria do brasileiro, que só sabe ganhar e não sabe perder", NR reage com indignação: "[o]h meu Deus do céu! Virgem Santíssima! Nós já somos um povo que não faz outra coisa senão perder! (...) nossa cara é a cara da derrota", e apresenta uma definição de subdesenvolvimento: "Afim de contas, o que é o subdesenvolvimento se não a derrota continua, a humilhação de cada dia e de cada hora? Entende como "ignomínia que venha alguém dizer a esse povo desesperado: - 'Vá perdendo! Continue perdendo! Aprenda a perder!'" (RODRIGUES, 1994: 127). Aqui, o autor extrapola o futebol, se refere à Nação; faz a confissão, a admissão, à sua maneira, sem qualquer referência à fatores políticos, de que somos persistente e historicamente subdesenvolvidos.

A derrota na Copa de 1966 acabou suscitando reações e novas visões sobre o futebol em geral, e o brasileiro, em particular, como o técnico do Botafogo, Admildo Chiról, pregando não ser mais possível o personalismo, sendo desejado o coletivismo. NR reage entendendo que o treinador está pleiteando que todos os jogadores sejam "iguais entre si como soldadinhos de chumbo", o que seria a expressão máxima da sociedade racionalizada. Em sua perspectiva, o futebol brasileiro não esteve naquela Copa, mas sim "a inépcia, a incompetência e a burrice da nossa Comissão Técnica" (RODRIGUES, 1994: 129). Para Nelson, o citado técnico está defendendo o fim do "homem-chave, do homem-estrela, do craque quase-divino". Nesse sentido, questiona se ele terá "meios e modos de apagar as dessemelhanças individuais que fazem o charme dos homens, povos, religiões e times"; ressalta, novamente, a ênfase na presença do gênio que, na realidade brasileira, seria pródiga. Adiciona, ainda, que em todas as áreas da atividade humana estão presentes as "grandes individualidades" (Idem: 130) e, assim, no "futebol, como em tudo o mais, o craque é decisivo". Concede que os onze são "indispensáveis", mas que "no time de Pelé, só ele existe e o resto é paisagem",

enquanto na Inglaterra, na Alemanha e em toda a Europa “o tal coletivismo é mais plausível” devido à “miséria de talentos individuais”, gerando-se um futebol em “correrias delirantes de obtusas”, ao contrário do Brasil onde abundam os talentos individuais. Condena “a teoria de Chirol” por “dois defeitos”: é “inexeqüível” e “indesejável”. No plano do futebol diz que: “[n]o dia em que desaparecerem os pelés, os garrinchas, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro”, enquanto, no plano do ser humano, pleiteia que “no dia em que desaparecerem as dessemelhanças individuais – será a morte do homem” (Idem).

Assenta, assim, o autor o seu edifício teórico nas fundações da presença do gênio criador, diferenciado para comandar os demais. Entende que, para isto acontecer, teria que ocorrer duas coisas: “mudar o brasileiro por dentro” e “por fora. (...) Um inglês, um alemão, pode fazer um futebol cavalar, porque come bem há mil anos. E o brasileiro, que come mal há mil anos, não tem massa física para as correrias delirantes” (RODRIGUES, 1994: 132). Por outro lado, temos tudo o que os outros não têm: “a fantasia, o élan criador, a molecagem, a malandragem, a paixão” (Idem). Novamente, apresenta outra faceta do subdesenvolvimento, a fome, a carência alimentar, “compensada” por valores outros característicos da sociedade brasileira; talvez, mais da carioca.

Acréscimos

Ficou claro pelas exposições feitas, tanto com base em NR, como em outros autores, a importância do futebol na sociedade brasileira. Essa realidade é super dimensionada quando se trata de Nelson Rodrigues. Ao longo do texto, procuramos associar as posições defendidas pelo autor com o quadro teórico do romantismo, detectando-se na exposição a valorização de uma sociedade tradicional que está sendo substituída na realidade brasileira pelas condições da modernização. Além dessa valorização, o autor vai além defendendo elementos típicos do estado de natureza, em que Garrincha surge como exemplar típico. Mas, se afastando do romantismo e forjando um rodrigismo ou um hobbesianismo, incorpora em sua visão sobre o homem elementos típicos do estado de natureza, pois, em sua perspectiva, convivem os “santos” e os “canalhas”. Mostra que com o contingenciamento destes a vida se tornaria menos agradável e encantada. De acordo com o romantismo, o papel do gênio, em que Pelé é o arquétipo, é extremamente valorizado.

A tese central do pensamento de NR está assentada no diagnóstico da subserviência, da humildade, tanto do jogador como do homem brasileiro. Essa humildade se expressava por meio de um sentimento de autonegação, por exemplo, como na valorização do que vem de fora, do exterior; mesmo quando há um diferencial explícito de superioridade nacional, esta não consegue ser manifestada apropriadamente, havendo uma certa vergonha em exprimi-la. Ocorre, no caso, o aflorar da condição do nacionalismo como um dos pilares do romantismo. A condição de inferioridade começa a poder ser superada com a chegada de Pelé, posição defendida pelo articulista. Mas o sentimento de inferioridade ainda se reforça a partir da própria torcida que não valoriza as vitórias da seleção, enquanto exerce um severo juízo crítico com as derrotas. Tais reflexões acabam culminando na criação do conceito de “vira-latas”, em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em posição subalterna e de humildade frente a outros povos e em todos os setores, não apenas no futebol. A conquista do título na Suécia, confirmada no Chile, superou essa condição, extrapolando-a do campo do futebol para o da nação, o que foi enquadrado como expressão do componente alucinatório do romantismo.

Um outro componente da constituição do homem rodriguiano, brasileiro, assenta-se na valorização da religião, ou mais genericamente da fé, o que representa a manutenção de traços decisivos de uma sociedade tradicional. Por outro lado, em várias passagens dos seus escritos, NR valoriza o trabalho (camisa suada, correu o jogo todo), o que é típico de uma sociedade moderna, baseada no mérito. Assim, começamos a formar um juízo mais redondo do pensamento

rodriguiano, qual seja, ao tempo que valoriza o trabalho (típico de uma sociedade moderna), não deixa de lamentar a possível e provável perda de elementos da sociedade tradicional; mais que isso, elementos da essência do ser humano, típicos do estado de natureza, caso da defesa que faz da indisciplina como um traço positivo do jogador brasileiro e do homem brasileiro, além da malandragem ou esperteza.

Não há a menor dúvida que o autor tinha conhecimento e consciência de nossas mazelas sociais, citando a miséria e o subdesenvolvimento, mas não faz qualquer referência a como teriam sido produzidas, geradas, não as situa em um contexto sócio-econômico-político, de base histórica; posição esta conforme com o romantismo. É interessante notar que sua fama de reacionário se estabelece após a assunção do regime de março de 1964, mas, antes disso, pelo menos nas crônicas futebolísticas, o autor também não faz qualquer referência fundamentada em aspectos histórico-estruturais. Ao extrapolar suas posições e diagnósticos do futebol para a nação, certamente, o autor está investido do espírito alucinatório, no qual a política tem pouco espaço. Talvez caiba uma associação com a idéia do "princípio vital", o monarca na situação alemã, que animaria a massa. No Brasil, na concepção rodriguiana, esse princípio vital seria o futebol.

Extrapolando o âmbito de NR podemos dizer, brevemente, que o futebol assume um papel vital por ser uma área, na qual mostramos competência e, assim, geram-se expectativas fundadas. Espera-se, sempre, muito do futebol no Brasil, mais especificamente da seleção nacional, o qual funcionaria como uma espécie de política compensatória, usada para curar as frustrações em áreas não atendidas pelo Estado. Daí, o brasileiro ser muito exigente com o futebol.

Convergindo com essas posições, Túlio Velho Barreto argumenta que "[p]elos resultados alcançados mundialmente, e porque somos carentes ou deficientes em outras áreas, nós somos mais exigentes com o desempenho de nossa seleção do que os europeus com as suas, e mesmo com a nossa seleção (BARRETO, 2009). E, no caso da vitória na Copa dos Estados Unidos, vamos além, "não nos sentimos inteiramente satisfeitos (...) porque não foi uma vitória do futebol-arte, do nosso futebol". Segundo esse autor, a seleção nacional é tratada como "um símbolo nacional". Poderíamos agregar que a população veria o futebol mais ligado à Nação do que ao Estado, transcendendo este, até: "O futebol se formou (no sentido de ter desenvolvido plenamente as suas potencialidades, a ponto de dominá-las), e a nação não" (WISNIK, 2006: 229). Quanto à importância do futebol vis-a-vis outras áreas, os gestores públicos "não [teriam] interesse em mudar o estado de coisa em que nos encontramos", até porque contam com uma sociedade que não se mobiliza como devia em torno das suas necessidades, por ser uma "sociedade muito dependente do Estado" e que não chegou a se desenvolver "plenamente e de forma autônoma. Temos uma tradição pouco republicana, que tem se caracterizado por um Estado autoritário com uma experiência democrática "curta e precária" (BARRETO; 2009).

Antunes (2004) também se debruça sobre a obra de NR. Ainda que sua análise não beba no referencial do romantismo, tem aspectos convergentes com a aqui feita. A autora vê em Nelson uma "lucidez *avant la lettre*" (ANTUNES, 2004, p. 210), e em suas crônicas "quase desliga o futebol da vida real e o coloca numa dimensão de eternidade" (Idem: 212); e ao lado de "apaixonado e exagerado, consegue ser extremamente crítico" (Idem: 214). Para a autora, NR tomava o futebol como "palco ao desfile dos dilemas, das frustrações e dos dramas do homem brasileiro" (Idem: 215). Antunes interpreta o receituário de Nelson: "na medida em que o brasileiro se conhecesse melhor, que soubesse identificar suas qualidades e seus defeitos e superasse estes últimos, alcançaria a vitória não apenas no futebol, mas em todos os campos de atividade" (Idem: 217). Expusemos, em várias passagens deste texto, que Nelson não expressa como isso deveria ser feito, atando-o, assim, ao espírito do romantismo. Em poucas passagens, o autor faz referências a como proceder nesse trânsito da esfera do futebol para a da nação. Um desses momentos é quando faz "uma verdadeira elegia a JK" (Idem: 227), tido

para ele como o “melhor presidente” ao reunir as qualidades de “um cafajeste dionísico e genial”, expressando “o tão decantado caráter malandro – síntese da civilidade à brasileira”. Não poupando nem o presidente com sua ótica analítica, valoriza nele não apenas o que realizou em termos de obras, mas o despertar das potencialidades do homem brasileiro. Antunes nota ainda a substituição dos termos vira-latas e humilde para caracterizar o jogador e o homem brasileiro pelo termo subdesenvolvido, conforme já apontado acima. Mesmo assim, no nosso entender, essa mudança não se reflete em uma fundamentação mais política para suas análises e propostas, ainda que se abrisse uma polêmica com as esquerdas e formações mais críticas como a dos sociólogos (Idem: 247). Para o cronista, segundo Antunes, apenas “a valorização da cultura popular ajudaria na solução dos problemas nacionais” (Idem: 262), residindo no futebol “um papel importante na recuperação [da] auto-estima” do brasileiro (Idem).

Para encerrar, julgamos importante trazer a visão de Roberto DaMatta, também um rodriguiano, na medida em que, ao comentar a Copa dos EUA de 1994, se julgou “possuído pelo espírito de Nelson Rodrigues” (DaMATTa, 2006: 41). Assim, identifica “uma torcida inconsciente e velada para que os países do Terceiro Mundo confirmem a sua proverbial e suposta inferioridade” (Idem: 36), ao tempo que condena os “teóricos” do futebol que “torcem para que o Brasil dê errado, tenha inflação, seja feio e não funcione” (Idem: 40), e identifica “muita gente com medo da vitória”. Em sua percepção, a derrota de 1950 nos fez desenvolver “uma rejeição inconsciente e quase patológica pelo futebol, uma verdadeira síndrome neurótica que só foi curada em 1958” (Idem: 42). A perspectiva da derrota nos assombra, pois “confirma uma inferioridade que nos persegue como povo e nação” (Idem: 43). Bem rodriguianamente assevera que, com um empate contra a modesta Suécia nessa copa, “botamos para fora uma verde bílis e uma santa ira” (Idem: 52). O autor mostra como o futebol mobiliza o Brasil. Identifica, ainda, convergente com NR, um traço do brasileiro: “Se joga bem [o escrete], é o maior do mundo. Se joga mais ou menos, torna-se o pior time do mundo” (Idem: 53); o que nos remete, como dito acima, à constatação da fraca mobilização do brasileiro por questões mais vitais e seu envolvimento visceral com o futebol, sendo este uma compensação para carências da cidadania.

Com a vitória na Copa dos EUA, DaMatta manifesta que sente pelo escrete “um enorme orgulho e um imenso amor” (DaMATTa, 2006: 64), dado que o time mostrou “determinação e, mais que isso, mostra que tem caráter – vontade de ganhar. Desejo de ser campeão”. Para o renomado antropólogo, a vitória foi uma “coisa maravilhosa para todos nós, brasileiros” que estamos “cansados de ser manchete de jornal aqui e lá fora pela polícia corrupta (...); pela nossa demoníaca inflação; pelos políticos traidores do povo (...)” (Idem: 65); e segue arrolando nossas conhecidas mazelas e afirmando o papel do futebol como “política” compensatória. A vitória, também, contesta os que “não gostam de nós e que, por isso mesmo, ainda pensam o Brasil como “raça inferior, como “gentinha” e como nação atrasada”. Outra aderência ao espírito rodriguiano, sem necessidade de apor qualquer comentário, se localiza quando DaMatta observa: “Rezei quando o Branco bateu aquela falta. Fui atendido. Estou em pleno e raro estado de graça, obviamente convencido de que Deus existe realmente e tudo vai dar certo” (Idem).

Antes do jogo final, às vésperas da possibilidade do título, DaMatta identifica um “brasileiro passivo e que não tem a coragem de reclamar de nada – porque, como ele mesmo diz: “não vale a pena”; ou porque “não gosta de criar caso”. E esse brasileiro (listando o autor um amplo conjunto de profissões para dar idéia como o futebol percola a sociedade) “muda de figura diante do selecionado nacional” e “passa a ter uma exigência de prima-dona” (DaMATTa, 2006: 70) desejando uma vitória, mas por goleada, pois o empate seria “um crime”, “uma broxada” (Idem: 71). Por outro lado, para o autor “é demais!”, esse “passivo e acomodado torcedor” querer assistir o jogo sem sofrimento e sem angústias típicas do que tem valor. Com este desabafo, DaMatta deixa de ser rodriguiano: seria como “se tudo aqui tivesse que acontecer magicamente, sem esforço, trabalho ou angús-

tia", como se o país pudesse mudar sem o concurso do seu povo, mas apenas com o trabalho do "time" e do "técnico". O autor abandona, aqui, o referencial rodriguiano, leia-se romântico, chamando a atenção para o fato de que o país se constrói com o trabalho de todos e não se deve esperar soluções mágicas, salvadoras, como o que "ingenuamente esperamos de certos políticos e partidos, cujo destino seria o de salvar a pátria". Poderíamos sinalizar de uma outra forma: enquanto Portugal espera a volta de D. Sebastião, para a visão rodriguiana, os sebastiões estão aqui, seriam os jogadores de futebol.

DaMatta vai além ao considerar que a equipe que chegou à final da Copa de 1994 tinha "personalidade", uma personalidade "inovadora e eu diria até revolucionária, que se exprime não pela presença do supercraque, mas pelo trabalho de equipe e do homem comum" (DaMATTa, 2006: 71). Esta afirmação se distancia por completo de NR, pois o revolucionário, (há aqui um exagero) agora se explica pela negação da solução por meio do homem gênio, mas, sim, pelo trabalho do homem comum, de todos. Vencida a partida final, conquistada a Copa, isso possibilita ao autor um outro olhar sobre o Brasil, em que mostra um conformismo aliado a valores substanciais. Se, por um lado, "não inventamos as máquinas, os livros e as teorias que suecos, franceses, italianos, ingleses, alemães e americanos criaram, também não fizemos nenhuma guerra de conquista", não somos "imperialistas" e "é esse, afinal, o nosso caminho" (Idem, 72). DaMatta vê ainda o Brasil como a nação que consegue "orquestrar como nenhum outro os elementos tradicionais que remetem as relações humanas como valor, com os traços modernos que apresentam a propriedade e o dinheiro (...)". A conquista da Copa mostrou que "a vitória é antes de tudo a capacidade para reunir talento individual e vontade coletiva", que se pode contar com "o homem comum". Foi desmistificada, "graças a Deus, a crença infantil num inexistente "craque salvador" que podia tudo e (como certos políticos) prometia mudar magicamente o mundo, para confiar no trabalho e na glória do homem comum" (Idem). DaMatta atinge a antítese de Rodrigues, o gênio, se não é esquecido, pelo menos é posto em um lugar menos salvador; emerge, daí, o trabalho do homem comum, tanto no futebol como na sociedade.

Apito Final

Vale a pena finalizar com a última entrevista dada pelo teatrólogo, ao jornal *Latin America Daily Post*, em outubro de 1980, dois meses antes de sua morte. Inquirido a respeito de uma avaliação do Brasil como sociedade assim se posiciona:

[a] verdadeira história do Brasil só vai começar com a chegada em cena de uma grande figura, um Napoleão. Os Estados Unidos tiveram George Washington, a França, Napoleão. Nós tivemos Juscelino Kubitschek, um grande homem, de certa forma, com grandes qualidades, mas quando eu falo de um Napoleão, eu me refiro a algo muito maior do que um Juscelino. A China, por exemplo, teve Mao e Chiang Kai-Shek, homem que correspondiam às necessidades da época (www.tirodeletra.com.br).

Quanto ao Brasil daquela época (1980), comenta que antigamente "todos eram idiotas e o sabiam" e "humildes", mas, agora, essas pessoas se sentem competentes, estando o mundo "dominado pelos idiotas". Para o autor, no caso do Brasil, isto só pode ser combatido por "um homem com o magnetismo de um Napoleão". Confirma sua antiga tese que "o problema do Brasil é o mesmo de todos os países subdesenvolvidos: a falta de auto-estima" que se expressa pelo fato do povo não acreditar em si mesmo sendo um bom exemplo disso "a mania do povo brasileiro de massacrar a seleção de futebol. Isso me irrita profundamente. É só a seleção errar em uma coisa e todo o País vem em cima. O brasileiro só sabe torcer pela seleção quando ela está ganhando. Quando perde, vem em cima com chicote" (www.tirodeletra.com.br).

Faz ainda o escritor uma crítica mordaz à juventude da época (certamente faria uma mais aguda à atual), defendendo que os velhos são os que detêm a

sabedoria e que podem assumir a liderança. "De Gaulle era velho. Mao era velho. Chiang era velho" (www.tirodeletra.com.br). Ainda adiciona que "o escritor precisa de algumas obsessões, algumas idéias fixas, que sustentam a sua obra. (...). Um dos meus temas preferidos é a violência humana. O ser humano é um assassino natural. O ser humano é feroz". A respeito desta, praticamente, última fala do autor, faremos, a seguir, breves comentários. Primeiro, ele defende, como já podíamos ver ao longo de várias crônicas, a figura da liderança carismática, bem como dos idosos, bases da sociedade tradicional. Não pudemos, no momento, enquadrar NR em um referencial weberiano, insinuado em algumas passagens, mas que fica para um futuro artigo. Diferentemente, porém, da visão de Weber, em outras passagens, em sua visão, os homens/mulheres mais humildes da sociedade também assumem a personalidade de lideranças carismáticas consagradas na história (o exemplo de Joana d'Arc é o mais recorrente). Por último, assume o autor a sua posição afinada com o homem hobbesiano. Para ele, o estado de natureza é aqui e agora.

Referências

- ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo. Editora UNESP. 2004.
- BARRETO, Lima. A arte de chutar a bola. In: Jorge Caldeira (org). Brasil. *A história contada por quem viu*. São Paulo. Mameluco. 2008.
- BARRETO, Túlio. In: Site Fundação Joaquim Nabuco. Pesquisador da Fundaj dá entrevista à Gazeta do Povo (PR). Publicado em 13/05/2009.
- BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO. *Dicionário de política*. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2.a edição. 1986.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. *O descobrimento do futebol*. Rio de Janeiro. Edições Biblioteca Nacional. 2004.
- BULLOCK, Alan & STALLYBRASS, Oliver. *The Fontana Dictionary of Modern Thought*. London. Fontana Books. 1977.
- DaMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro. Rocco. 2006.
- FACINA, Adriana. *Santos e canalhas*. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2004.
- IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo. Brasiliense. 1994.
- MAZZONI, Thomaz. Almanach esportivo. São Paulo. Agência Soave. 1931.
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 2000.
- PINHO, José Antonio. A evolução do estado. Salvador. A gestão pública: desafios e perspectivas. *Cadernos FLEM 1*. Fundação Luiz Eduardo Magalhães. 2001.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. Crônicas de Futebol. Seleção e Notas Ruy Castro. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. Novas crônicas de futebol. Organização Ruy Castro. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.
- RODRIGUES, Nelson. Entrevista disponível em www.tirodeletra.com.br Consulta feita em 28/01/09
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Discurso sobre as artes e ciências. São Paulo. Nova Cultural. 1987-88.

ROHMANN, Chris. *O livro das idéias*. Um dicionário de teorias, conceitos, crenças e pensadores que formam nossa visão de mundo. Rio de Janeiro. Campus. 2000.

SANT'ANNA. Clério José Borges de. Clério's home Page. 2004 Acesso em 06/01/2009.

SANTOS, Rosmália Ferreira dos. Ambigüidades no além-mar: o romantismo ibérico no novo mundo. *Revista de Sociologia e Política*, 2005. [HTTP://www.scielo.br](http://www.scielo.br)

SUGIMOTO, Luiz. Ary Barroso ajudou a plantar o Maracanã. *Jornal da Unicamp*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 22 de abril a 4 de maio de 2003.

WISNIK, José Miguel. O futebol como veneno e remédio. In: Fernando Schüller e Günter Axt (org), *Brasil contemporâneo*. Crônicas de um país incógnito. Porto Alegre. Artes e Ofícios. 2006.